### FARMÁCIA PORTUGUESA 🖺

**JOE BIDEN** 

PRESIDENTE DOS EUA

«Vamos activar as farmácias para vacinar o maior número de americanos possível»

**BORIS JOHNSON** 

PRIMEIRO-MINISTRO DO REINO UNIDO «As farmácias vão ter um papel vital no avanço do programa de vacinação» **RUI MOREIRA** 

PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DO PORTO «Vamos precisar das farmácias para vacinar contra a COVID-19»

Lá bem no alto do décimo segundo andar do Ano

Vive uma louca chamada Esperança

E ela pensa que quando todas as sirenas

Todas as buzinas

Todos os reco-recos tocarem

Atira-se

E

— ó delicioso vôo!

Ela será encontrada miraculosamente incólume na calçada,

Outra vez criança...

E em torno dela indagará o povo:

— Como é teu nome, meninazinha de olhos verdes?

E ela lhes dirá

(É preciso dizer-lhes tudo de novo!)

Ela lhes dirá bem devagarinho, para que não esqueçam:

— O meu nome é

### ES-PE-RAN-ÇA...



### Medicamentos? Ligue 1400.\*

Tudo o que precisa em casa ou na sua Farmácia, 24h por dia.





### **ESPERANÇA**

a data em que vos escrevo, 18 de Janeiro, dia em que vamos para a gráfica, a nossa capa e este título parecem temerários, ou mesmo descabidos.

Portugal aparece nas notícias como o país do mundo com pior taxa de infecção por COVID-19. Neste momento, somos o quarto país com a taxa de mortalidade mais elevada. Foi anunciado um Conselho de Ministros extraordinário e urgente, para agravar as medidas do confinamento que entrou em vigor há apenas três dias. As ambulâncias fazem fila à porta dos hospitais. Acabo de receber uma mensagem viral de um médico do Hospital de Cascais que descreve, de forma arrepiante, o turno com mais mortos da sua vida.

Cheguei a pensar pôr a palavra «Medo» no título. Porque a verdade é que, neste momento, a maioria dos portugueses sente medo, em todas as pessoas do singular e do plural. Mas o medo não é, nem pode ser, a nossa energia.

As farmácias, de portas abertas em todo o território, são hoje mais necessárias do que nunca. Não falhámos aos portugueses na primeira vaga, não estamos a falhar agora, não vamos falhar nunca.

Por outro lado, neste momento mais negro há razões de facto para ter esperança. As vacinas, agora que milhões de pessoas em todo o mundo já foram imunizadas, estão a provar na vida real os perfis de segurança e de eficácia anunciados pelas autoridades regulamentares.

Este é um momento histórico para a profissão farmacêutica. Colegas meus de muitas nacionalidades, entre as quais a portuguesa, contribuíram de forma decisiva para a investigação, produção, testagem e aprovação de uma primeira porta de saída para a crise sanitária.

Este é um momento histórico para as farmácias comunitárias. Joe Biden, Boris Johnson e a generalidade dos chefes de Estado dos países desenvolvidos agradecem o trabalho dos farmacêuticos comunitários durante a pandemia. No mundo civilizado, a ordem é para vacinar o mais rapidamente possível. Para isso, sem dúvidas ou hesitações de qualquer espécie, as farmácias são consideradas indispensáveis e decisivas.

Por cá, ainda não chegámos à última sílaba do mágico poema de Mário Quintana.

Estamos à espera.

Estamos disponíveis.

Estamos prontos.

### www.revistasauda.pt

**Director-adjunto - Marketing** \_ Fausto Ferreira

Subdirectora Editorial \_ Maria Jorge Costa

Editor de Fotografia \_

Responsável de Marketing

Redacção \_

Carina Machado Irina Fernandes Nuno Esteves Patrícia Fernandes Pedro Veiga

Redacção Online . Marta Rodrigues

Jornalista Convidado <sub>-</sub> Paulo Martins Arquivo das Farmácias.

Direcção de Arte e Paginação

Projecto Editorial

Projecto Gráfico <sub>-</sub> Ideias com Peso

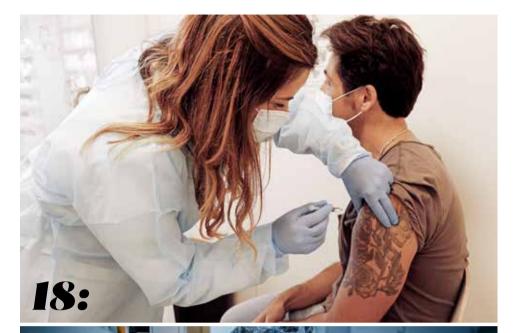
Periodicidade: Bimestral Tiragem: 5.000 exemplares Impressão e acabamento — Lidergraf Sustainable Printing

Publicidade.

comercial@sauda.pt | 213 400 706

FARMÁCIA PORTUGUESA é uma publicação da Associação Nacional das Farmácias Rua Marechal Saldanha, 1 1249-069 Lisboa

anf











### SET/DEZ 2020: 240

### VENCER A COVID-19

- 6 VACINAMOS O MUNDO
- 10 POLÍCIAS DO VÍRUS
- 14 ACESSO BLOOUEADO

### OLHO CLÍNICO

17 CRIME E JUSTIÇA Manuel Pedro Magalhães

### VENCER A COVID-19

- 18 CORRIDA ÀS VACINAS
- 22 MISSÃO CUMPRIDA
- 24 FUROPA I FVANTA VOO
- 28 CIÊNCIA EM ACCÃO
- 30 NO FIM DO SNS

### FARMÁCIAS REAIS

34 CRISF-19

### INTERVENÇÃO PROFISSIONAL

42 REMÉDIOS PERSONALIZADOS

### ENTREVISTA

48 «VAMOS PRECISAR DAS FARMÁCIAS PARA VACINAR CONTRA A COVID-19» Rui Moreira

### COESÃO TERRITORIAL

60 O ARQUIPÉLAGO DAS CRIANÇAS

### LUSOFONIA

66 COMUNIDADE 2.0

### COPIADOR

72 LIVRO DE REGISTOS DA FARMÁCIA PORTUGUESA

### NOTÍCIAS DA REDE

76 MONAF MAIS JOVEM AOS 35

### ARQUIVO E MUSEU DAS FARMÁCIAS

80 ODETTE FERREIRA (PARA) SEMPRE

### MEMÓRIA

84 «FOI UMA AVENTURA QUE CORREU BEM» Carlos do Carmo (1939-2021)

### FARMACÊUTICA CONVIDA

88 O PARÁÍSO É PORTUGUÊS Teresa Almeida Lima, em São Miguel

### ENTRE NÓS

98 RESPONSABILIDADE Paulo Cleto Duarte



# VACINAMOS O MUNDO O MU

Farmácias recrutadas para travar a COVID-19 nos países desenvolvidos.

**TEXTO:** CARLOS ENES / LILIANE PINHEIRO

s farmácias vão vacinar contra a COVID-19 em todo o mundo civilizado. «Vamos activar as farmácias de todo o país para vacinar o maior número de americanos o mais rapidamente possível», anunciou o novo presidente dos Estados Unidos, no dia 15 de Janeiro. Vacinar 100 milhões de pessoas contra a COVID-19 nos primeiros 100 dias de mandato é o primeiro grande objectivo da administração democrata. «Milhões de americanos já procuram as suas farmácias locais todos os dias, para obter medicamentos, a vacina da gripe e muito mais. Estamos a lançar um novo grande desafio, trabalhando directamente com farmácias independentes e de rede, para vacinar os americanos», declarou Joe Biden. A vacinação contra a COVID-19 será «um dos maiores esforços operacionais jamais vistos na América» e vai beneficiar dos fundos um «plano de resgate e de recuperação» da economia americana, no valor de 1,6 biliões de euros.

Na Inglaterra, país europeu com melhor taxa de imunização contra a COVID-19, as farmácias comunitárias começaram a vacinar a população no dia 15 de Fevereiro.

«As farmácias têm feito um trabalho incrível e vão ter um papel vital no avanço do programa de vacinação», declarou o primeiro-ministro no Parlamento. O objectivo



«Vamos activar as farmácias para vacinar o maior número de americanos o mais rapidamente possível» JOE BIDEN, PRESIDENTE DOS EUA

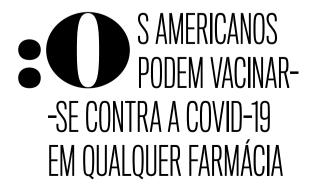


«As farmácias devem ser chamadas para que a vacinação ocorra o mais próximo possível das pessoas» FRANÇOISE BARRÉ-SINOUSSI, COMITÉ CIENTÍFICO DA FRANÇA



«Quero agradecer antecipadamente às farmácias de todo o país o papel crítico que desempenharão no programa de vacinação»

KEMI BADENOCH, MINISTRA DA IGUALDADE DO REINO UNIDO



do Governo inglês é vacinar 15 milhões de pessoas mais vulneráveis até meados de Fevereiro, «24 horas por dia, sete dias por semana, porque não podemos perder tempo», justificou Boris Johnson.

A estratégia britânica é descentralizar a vacinação. «As farmácias estão no centro das comunidades locais, fornecendo ainda mais locais convenientes para aqueles que são elegíveis para receber a vacina», explicou o ministro da Saúde», Matt Hancock. «Os farmacêuticos trabalharam incansavelmente durante a pandemia, muitas vezes agindo como a primeira porta de entrada para aconselhamento médico - e muitas vezes permanecendo abertos quando tudo ao redor estava fechado», agradeceu o ministro.

Cerca de 200 farmácias comunitárias foram contratadas pelo National Health Service (NHS) para prestarem esse serviço a partir da semana de 11 de Janeiro. Os farmacêuticos serão remunerados pelo valor de 14€ por acto. A prioridade foi dada a maiores de 80 anos; pessoas internadas ou a trabalhar em lares de idosos; profissionais de saúde e de serviço social mais expostos ao risco. Os ingleses consideram a intervenção farmacêutica vital para garantir o acesso justo e equitativo à vacina, o que motivou um pronunciamento da ministra da Igualdade: «Quero agradecer antecipadamente aos farmacêuticos comunitários de todo o país pelo papel crítico que desempenharão no programa de vacinação e continuarão a desempenhar durante a pandemia», disse Kemi Badenoch.

Os governos da Irlanda e da Austrália tomaram a mesma decisão no início de Janeiro. «A maioria dos australianos vão poder vacinar-se na sua farmácia comunitária», anunciou o ministro da Saúde e do Idoso, Greg Hunt. Nos Estados Unidos, as farmácias foram desde a primeira hora incluídas no Programa de Vacinação contra a COVID-19 elaborado pelo *Centers for Disease Control and Prevention (CDC)*, uma das autoridades de Saúde Pública mais prestigiadas do mundo. Para além da população em geral, o CDC estabeleceu uma parceria com os farmacêuticos comunitários para o programa de vacinação aos idosos internados em lares e residências assistidas. Seguradores como a Medicare estão a comparticipar a administração da vacina em 23 euros.

Também em França as farmácias comunitárias fazem parte do dispositivo de vacinação contratualizado pelo Estado. Um decreto publicado a 30 de Dezembro estabelece uma remuneração de 70€ pela dispensa de vacinas a lares de idosos. A Comissão Científica para a COVID 19 nomeada pelo governo francês recomendou, em relatório

publicado em Julho do ano passado, que «a vacinação ocorra o mais próxima possível das pessoas, o que implica o recrutamento dos médicos de Clínica-Geral, enfermeiros e farmacêuticos comunitários». Os profissionais de saúde com prioridade máxima de acesso à vacina foram seleccionados em função do grau de exposição ao risco, independentemente de serem funcionários públicos ou privados. Entre eles, 75 mil farmacêuticos.

### O REINO UNIDO, AS FARMÁCIAS ESTÃO A VACINAR DESDE 15 DE JANEIRO





«As farmácias têm feito um trabalho incrível e vão ter um papel vital no avanço do programa de vacinação» BORIS JOHNSON, PRIMEIRO-MINISTRO DO REINO UNIDO



«Temos uma rede nacional de vacinação, que é construída em torno dos nossos clínicos-gerais e das nossas farmácias» GREG HUNT , MINISTRO DA SAÚDE E DO IDOSO DA AUSTRÁLIA

### FARMÁCIA ALTO DA EIRA SANTA IRIA DE AZÓIA

# POLÍCIAS DO VÍRUS

Como as farmácias fazem testes rápidos à população.



**REPORTAGEM: CARLOS ENES** FOTOGRAFIA: PEDRO LOUREIRO ste ano, os farmacêuticos Julie Oliveira, 25 anos, e João Vieira, 24, chegaram a casa atrasados para a ceia. Nunca tinham vivido um Natal tão intenso. Com eles sentaram-se à mesa as memórias, ainda vivas, dos sentimentos e dramas de muita gente.

### — Deu positivo ou negativo?

No dia 24 de Dezembro, já batiam as oito da noite quando testaram o último de 74 utentes à COVID-19. No dia 23, foram outros 65. Os resultados estragaram a festa a algumas pessoas, mas protegeram muitas outras de ser contagiadas em família. A maioria ganhou a possibilidade de consoar com um mínimo de descanso, desde que cumpridas as regras. O assunto é sério. Haverá algo mais dramático do que infectar e pôr em risco extremo os familiares mais queridos?

— Estive desde Março a Junho sem ver os meus pais e os meus filhos. que ficaram isolados para eu poder continuar a trabalhar.

Quem assim fala assina Vanda Cabanas, directora-técnica da Farmácia Alto da Eira, em Santa Iria de Azóia. Os familiares cumpriram confinamento em Almeirim, numa propriedade rural da família. Ela visitava-os de 15 em 15 dias. Seguia ao detalhe um plano rigoroso de procedimentos de segurança, como é próprio da cultura científica dos farmacêuticos, que medem o risco ao micrograma.

— Tomávamos um café à distância, mas até a chávena ficava 48 horas de quarentena, em cima do muro.

Apesar do distanciamento, naquelas tardes a família celebrava verdadeiramente o facto de voltar a estar junta. Nas viagens de regresso, o coração contrariado da farmacêutica fazia contas ao tempo de espera até haver um medicamento ou vacina. A formação científica educou-a para compreender a demora da investigação farmacológica. Mas também para medir o benefício e o risco de cada solução disponível, quando os problemas se apresentam.



OI PRECISO MUITO ESTUDO, MAS HAVIA RECURSOS: SETE FARMACÊUTICOS

«Percebi que era urgente testar, testar o mais possível»,

declara Vanda Cabanas, farmacêutica directora-técnica





### POSITIVO ASSINTOMÁTICO

Emília e Vítor Ratinho são um casal de octogenários. «O meu filho pediu-nos para fazer o teste e falou-me desta farmácia. Gostei do atendimento». Ele deu positivo, a mulher não. «Estou surpreendido, não tenho sintomas», relatou no dia seguinte, enquanto aguardava o telefonema de um médico.



— Percebi que era urgente testar, testar o mais possível. Há pessoas que não podem ser deixadas ao abandono.

Foi aí que nasceu a vontade férrea de fazer da Farmácia Alto da Eira um centro de testes ao serviço da comunidade. Deu trabalho, requereu muito estudo, mas havia recursos humanos para isso: sete farmacêuticos. No final do Verão, começaram a ler muito sobre o assunto, a frequentar cursos e acções de formação, a enfrentar com persistência um mar de dúvidas e de incertezas quanto à fiabilidade dos testes à COVID-19. O mercado foi inundado por múltiplas alternativas, ora autorizadas ora suspensas pela autoridade reguladora.

— Fomos estudando e eliminando uma a uma, até chegarmos às melhores soluções possíveis.

A farmácia passou várias semanas a testar os testes de anticorpos e de antigénio exclusivamente na própria equipa, há meses a operar "em espelho". Os farmacêuticos e a técnica auxiliar de farmácia trabalham dia sim, dia não, em dois grupos de quatro pessoas, sem qualquer contacto físico entre eles. Para a separação ser absoluta, foi contratada uma segunda auxiliar de limpeza. A directora-técnica ofereceu a um cliente amigo, que estivera internado em Março com uma pneumonia por COVID-19, o teste de anticorpos que lhe parecia mais fiável.

— Vimos que marcava certinho.

No final de Outubro, o serviço ficou pronto a abrir ao público. Por decisão técnica, a Farmácia Alto da Eira só publicita testes de antigénio. A equipa aprendeu que, mais do que testar, é preciso saber interpretar os resultados. Os utentes são questionados sobre sintomas, comportamentos, datas. Se tiveram um contacto de risco há dois ou três dias, por exemplo, é natural terem um falso negativo. Julie recorda-se de ter aconselhado muitas pessoas a esperar para fazer o teste, ou a voltar para uma confirmação.

— Lembro-me de uma senhora que deu negativo e a quem pedimos para voltar mais tarde. Ainda bem, porque aí já deu positivo.

Os doentes são recebidos com um protocolo rigoroso, da medição de temperatura à higiene dos sapatos. Os farmacêuticos treinaram cada procedimento ao detalhe. Como vestir, como despir, como desinfectar, como dominar a zaragatoa. Vanda Cabanas investiu em fatos de protecção de classe 2, topo de gama. Eles parecem astronautas, mas sentem-se seguros.

— Medo? Agora não, já superámos isso.

A farmácia começou a ter acesso ao SINAVE, plataforma nacional de registo dos resultados, a 16 de Dezembro. Daí para cá, já fez mais de 500 notificações. Os





### **CONTAS CERTAS**

Edmundo Vitorino, 76 anos, vai à farmácia todos os dias dizer "Olá!" à equipa. Quando precisa de alguma coisa, leva sempre o valor certo. «Eu andava com tosse há três semanas, sei que me acontece todos os anos, mas a gente ouve tantas coisas que pedi para fazer o teste». Deu negativo.

### **CONTACTO DE RISCO**

Um colega de metalurgia de Jorge Reis e Pedro Pereira está infectado. A empresa interrompeu a produção para testar toda a gente. Deram ambos negativo. Ainda não sabem se vão repetir o teste daqui a uns dias, vão continuar vigilantes.

farmacêuticos investem tempo a aconselhar cada pessoa. Quando testa negativo, não pode aliviar rotinas de segurança. Se testa positivo, precisa de orientações claras para enfrentar a infecção de forma esclarecida.

— Quando damos a notícia, a pessoa fica em choque.

Os novos doentes ficam a saber que serão contactados pelo médico de família ou de Saúde Pública. Depois de averiguadas as condições de que dispõem para isolamento, são aconselhados em conformidade: sobre máscaras com maior factor de protecção, medidas de desinfecção, rastreio das outras pessoas da casa. Todas as pessoas saem da farmácia com um plano de acção.

— Felizmente, que seja do nosso conhecimento, ainda não perdemos nenhum utente para a doença.

Na Farmácia Alto da Eira, os testes custam 25,30€. Para determinar o preço, a directora-técnica fez contas ao custo dos reagentes, dos equipamentos de protecção individual mais sofisticados e dos outros consumíveis. Não contabilizou o valor da hora de trabalho dos



Por decisão técnica, a farmácia optou pelos testes de antigénio

profissionais. Ela própria trabalha mais tempo, para não atrasar o atendimento nem as entregas ao domicílio.

— Jamais faria dos testes um negócio. No início, juntei a equipa e decidimos: vamos fazer o preço justo, para podermos ser úteis neste momento.

# ACESSO BLOQUEADO

Portugal é o país da Europa que mais dificulta a vida aos doentes.

**TEXTO: CARLOS ENES** 

ortugal é o país de Europa com acesso mais difícil aos medicamentos mais recentes para o tratamento de muitas doenças. O Estado obriga milhares de doentes a perder dias de trabalho só para irem levantar medicamentos aos hospitais, sem nenhuma consulta médica ou razão clínica que justifique a viagem.

Doentes com cancro, transplantados e com outras doenças incapacitantes são forçados a percorrer centenas de quilómetros. Com o advento da COVID-19, essas deslocações tornaram-se de risco, em particular para os doentes com o sistema imunitário debilitado. Muitas famílias de todo o país são forçadas a fazer visitas mensais ou bimestrais aos hospitais, durante anos só para levantarem hormona do crescimento para os seus filhos. Até os doentes das regiões autónomas são forçados a deslocações ao continente.

As farmácias comunitárias aceitaram, logo no mês de Março, dispensar esses medicamentos, em articulação com as farmácias hospitalares. A denominada Operação Luz Verde, até ao dia 13 de Janeiro, data de fecho desta edição, permitiu dispensar 48.411 tratamentos, no local onde vivem 16.007 doentes de risco. No total, 287 farmácias comunitárias continuam a prestar esse serviço, muitas vezes ao domicílio, a título gratuito nesta fase de pandemia.

O Centro Hospitalar Universitário de São João (CHUSJ) lançou, ainda antes da pandemia, um projecto-piloto para o cálculo do valor da dispensa de medicação nas farmácias comunitárias, que já beneficiou 469 doentes da região Norte. No dia 1 de Dezembro de 2016, o ex-ministro da Saúde, Adalberto Campos Fernandes, lançou a primeira experiência desta natureza no Hospital Curry Cabral, em Lisboa. Quatro anos depois, as farmácias comunitárias continuam a dispensar medicamentos e a vigiar 250 doentes com VIH/sida, sem que o Estado assuma qualquer responsabilidade por esse serviço. A escolha dos doentes, entre uma farmácia comunitária da sua preferência e o hospital, é sempre livre.



### DISPONIBILIDADE DE MEDICAMENTOS

AMBAS



FARMÁCIA

HOSPITALAR

FARMÁCIA

COMUNITÁRIA

### OS DOENTES NA PERIFERIA DO SISTEMA

Estas pessoas perderem muitos dias em viagens desnecessárias. Com o início da pandemia, passaram a contar com as farmácias ao pé de casa. Milhares de outras continuam sem opção.



João Rocha, transplantado, contabiliza doze anos de viagens de São João da Talha ao Hospital Curry Cabral, em Lisboa.



Daniela Sequeira, de São Brás de Alportel, andou anos a pagar comboio e táxis para levantar medicamento.



Mónica Descalço ia de Beja a Setúbal levantar os seus comprimidos e as injecções para o pai, de quem herdou a esclerose múltipla.



Fabrício Benevides foi obrigado a muitos voos entre os Açores e Lisboa para tratar a sua doença genética rara.



Cátia Chagas fazia todos os meses viagens de autocarro, entre Olhão e Lisboa, por causa da hormona do crescimento do filho.

### CRIME E JUSTIÇA



MANUEL PEDRO MAGALHÃES CIRURGIÃO CARDIOTORÁCICO DIRECTOR-CLÍNICO DO HOSPITAL DA CRUZ VERMELHA PORTUGUESA

completa ausência de contactos entre os centros de saúde do SNS e as farmácias comunitárias revela-se, em altura de pandemia grave com múltiplas medidas de confinamento, um "crime" para a saúde dos portugueses.

Numa apreciação sumária, existem mais farmácias (fruto do trabalho e investimento de cidadãos portugueses) do que centros de saúde.

Nos últimos anos, o acesso e a proximidade têm estado mais garantidos nas farmácias do que nos centros de saúde.

Para muitos actos necessários (renovação de terapêutica, controle de dados fisiológicos, temperatura, tensão arterial, glicémia, etc.), para aconselhamento e acompanhamento de proximidade, é absolutamente surpreendente constatar-se que não há, por parte das "autoridades" do SNS, qualquer iniciativa ou abertura para verdadeiramente ir ao encontro do cidadão, através das farmácias, serviços próximos e amigos, que conhecem as pessoas.

Ao invés, os comentários oficiais em relação às farmácias mantêm-se negativos e hostis.

Como se quem lá trabalha e investe não fosse cidadão de direito total.

E se, como quem as procura, o fizesse a seu belo prazer e por sua conta e risco, porque nos estabelecimentos oficiais do SNS estão garantidas todas as condições de atendimento e o cidadão vê respeitados os seus direitos de resposta a tempo e horas.

Ora, a realidade actual (e muito agravada pela pandemia) revela que os serviços públicos de assistência clínica estão a ser manifestamente insuficientes.

E os responsáveis oficiais "ignoram", com negligência afrontosa, um recurso que têm próximo para minorar essas insuficiências.

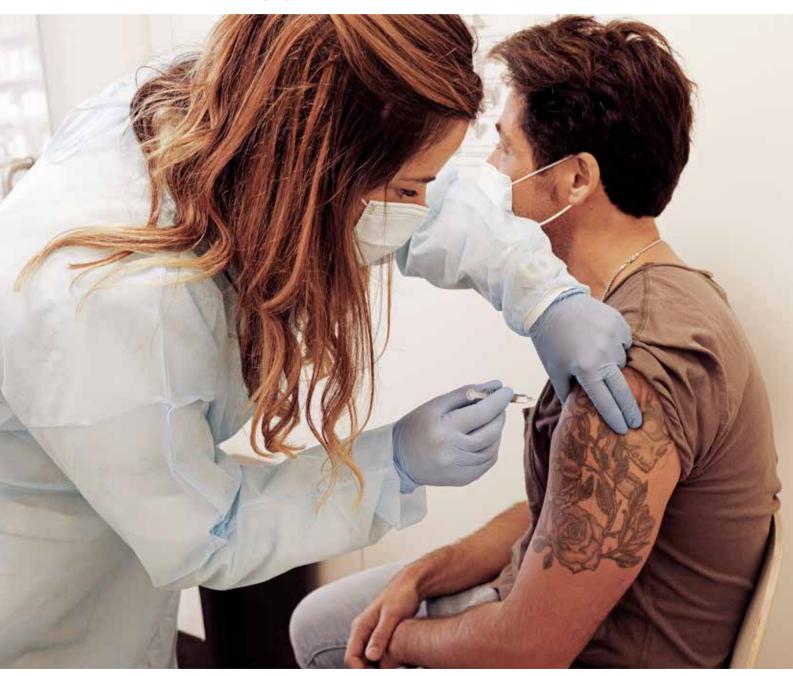
Olhem com inteligência para o que temos e iniciem de imediato planos de colaboração/integração de cuidados de proximidade e vigilância clínica através das nossas farmácias, que não abandonam o Interior, envelhecido e desertificado, e não falham no atendimento individual que lhes está acometido.

Servirão assim, muito melhor, a saúde de cada um de nós, fazendo então justiça ao apregoado Serviço Nacional de Saúde.



### CORRIDA ÀS VACINAS

Nunca tantos portugueses quiseram imunizar-se contra a gripe.



**REPORTAGEM:** CARINA MACHADO FOTOGRAFIA: PEDRO LOUREIRO

manhã de segunda-feira vai a meio e o movimento é "novo normalíssimo" na Farmácia Parque do Estoril. Não há filas, não há atropelos. Apenas dois utentes, de máscara no rosto e distância bem medida, aguardam serenamente à porta que quem está a ser atendido lá dentro lhes ceda o lugar.

A campanha de vacinação contra a gripe mais agitada de sempre arrancou há uma semana. «O dia 19 de Outubro foi uma loucura», conta a directora-técnica, Maria Teresa Lourenço, ainda hoje admirada com a inédita fila de pessoas que encontrou à porta da farmácia, 30 minutos antes de abrir. Nesse primeiro dia, os farmacêuticos da equipa administraram 43 vacinas das 283 que tinham disponíveis. Acabaram em poucos dias, não chegaram ao fim-de-semana. Os distribuidores comprometeram-se a fornecer mais 311 doses, em meados de Novembro. O Serviço Nacional de Saúde (SNS) forneceu 50 vacinas e não fará segunda entrega. Não chegam para as encomendas, longe disso.

A procura, a nível nacional, cresceu cinco vezes. Aqui, mais do que duplicou. No ano passado, a Farmácia Parque do Estoril vacinou perto de quinhentas pessoas. A lista de reservas desta época chega às mil. «Há muitas pessoas que nunca se tinham vacinado e preferem fazê-lo na farmácia. E outras tantas que antes iam ao centro de saúde e este ano se querem vacinar connosco», conta a farmacêutica Joana Saraiva. «As pessoas estão com medo. E aqui sentem-se seguras», explica, convicta.

Em 2019, a gripe ainda era subestimada por muita gente, apesar de matar, em média, 650 mil pessoas por ano, mais de três mil em Portugal. O desafio lançado às farmácias, como rede de saúde mais próxima das pessoas, era combater a iliteracia sobre a doença e fazer crescer a taxa de cobertura vacinal. Com a pandemia, a situação inverteu-se. «De repente, deixámos de ter de promover a vacinação para passarmos a ter de tranquilizar a população e acalmar a ansiedade que se instalou», relata Joana Saraiva.

PROCURA FOI CINCO VEZES SUPERIOR ÀS VACINAS DISPONÍVEIS







O medo gerou uma corrida às vacinas. Os pedidos e inscrições começaram no Verão. «Percebemos, logo em Agosto, que esta iria ser uma época atípica». Para poder garantir a fluidez do serviço, sobrecarregado pelas medidas de protecção individual e de desinfecção impostas pela COVID-19, a farmácia contratou uma enfermeira

S PESSOAS TÊM MEDO. NA FARMÁCIA, SENTEM-SE SEGURAS para dar apoio às suas três farmacêuticas habilitadas a administrar vacinas. «As pessoas estão impacientes e o primeiro dia foi um reflexo vivo disso mesmo. Nós compreendemos e compete-nos trazer-lhes alguma serenidade. Para além da operação, temos também de gerir a emoção», comenta Maria Teresa.

As autoridades de saúde alertaram as pessoas para a confusão de sintomas entre a gripe e a COVID-19, assim como para o risco de ruptura das urgências, que todos os invernos ficam caóticas no pico epidémico.

Maria João, asmática, acaba de chegar à Farmácia Central, no Cacém, para se vacinar. Ao entrar, teve de passar o crivo do segurança da casa. Com o termómetro de infravermelhos e um borrifador de desinfectante em riste, o senhor Adelino controla os acessos. «É sempre um momento de stress», confessa a mulher, de 59 anos.

### S FARMÁCIAS INVESTEM EM FORMAÇÃO ESPECÍFICA PARA PODEREM VACINAR

Luís Lourenço tinha 1.300 encomendas, mas só consegiu obter 350 vacinas da gripe

No início de Setembro negativou, finalmente, nos testes à COVID-19, depois de um tormento de seis meses. Passou mal, teve de ser internada. «A tosse, a dificuldade em respirar e a dor de cabeça foram difíceis, mas mais ainda foi o tempo que a doença durou», recorda. Ainda se cansa facilmente, ainda se sente em recuperação. O risco de uma gripe agravar o seu quadro crónico de asma leva-a a vacinar-se todos os anos, sempre na farmácia.

«Na primeira vez que me vacinei fui ao centro de saúde e estive horas à espera. Nunca mais lá voltei. O serviço na minha farmácia é rápido, é cómodo, compensa largamente », justifica Maria João. É funcionária administrativa e não quer voltar a meter baixa ao trabalho.

A Farmácia Central vacina, em média, 15 pessoas por dia, em dois gabinetes de atendimento privado, com todos os equipamentos legais e desinfectados depois de cada administração. A equipa tem cinco farmacêuticos certificados para a prestação do serviço, um a mais do

que no ano passado. «Foi um investimento que fizemos antecipando a grande procura», diz o director-técnico. Este ano, recebeu mais de 1.300 pedidos de inscrição. As 210 vacinas que recebeu ficam muito aquém das necessidades. «Não lamento o investimento em formação, fica feito e é uma mais-valia», afirma Luís Lourenço.

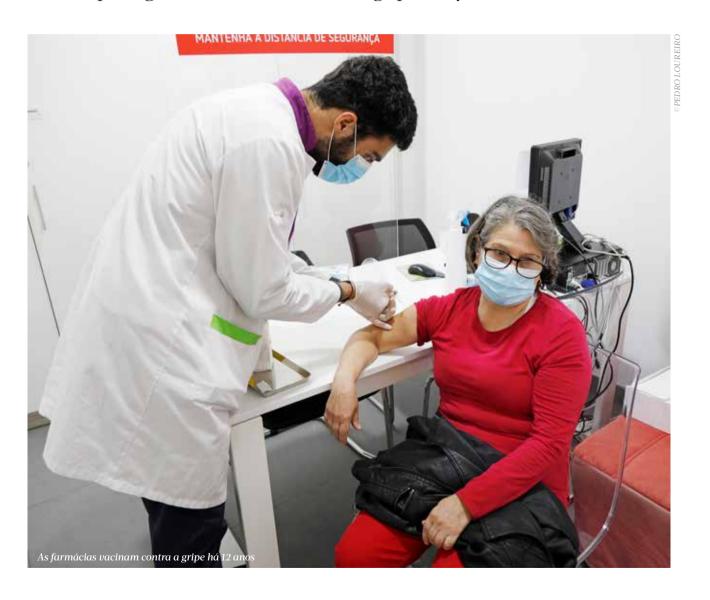
Conseguiu contratualizar 140 vacinas ao abrigo do programa "Vacinação SNS Local", que já administrou a maiores de 65 anos. Precisava de mais, mas já lhe disseram que não. «O que me preocupa são as pessoas que vão ver a sua legítima expectativa frustrada, num momento tão sensível» lamenta o farmacêutico. No ano passado, esta farmácia dispensou 571 vacinas e vacinou 488 pessoas, o que corresponde a uma taxa de administração de 85 por cento. «Este ano, estamos nos 100 por cento, toda a gente pre-

fere ser vacinada connosco», relata o farmacêutico.

Os doentes crónicos e os idosos são os mais assustados. Rita Palhinha, diabética de 56 anos, confessa que «tem medo». Todos os anos se vacina contra a gripe aqui. Este ano, recebeu uma SMS da farmácia a avisá-la de que tinha chegado a sua vez. «Ir ao centro de saúde é que nem pensar, ainda menos agora, com "o" COVID. Não, mesmo! Aqui, estou segura», desabafa.

## MISSÃO CUMPRIDA

650 mil portugueses vacinados contra a gripe nas farmácias.



s farmácias vacinaram 650 mil portugueses contra a gripe em todo o território. Um crescimento de 19,7 por cento em relação ao ano passado, em que dispensaram 543 mil vacinas. No dia 19 de Outubro, 67 mil portugueses vacinaram-se numa farmácia da sua preferência, um recorde absoluto. «Foi uma data histórica, porque ficou demonstrada a capacidade da nossa rede para vacinar, pelo menos, meio milhão de pessoas por semana», declara Cristina Gaspar, vice-presidente da Associação Nacional das Farmácias (ANF).

A vacina da gripe faz parte do Programa Nacional de

Vacinação. Com a pandemia, era natural um crescimento da procura. O Ministério da Saúde adquiriu dois milhões de doses. As farmácias tiveram acesso a 440 mil doses, limite disponibilizado pela indústria farmacêutica depois de satisfazer a encomenda do Estado.

O problema é que os pedidos e as reservas de vacinas foram cinco vezes superiores ao ano passado. «Registou-se um crescimento exponencial e inédito da procura de vacinas da gripe nas farmácias, por parte da população portuguesa», declara João Norte, CEO da HMR, multinacional

portuguesa de informação e estudos de mercado de produtos farmacêuticos.

No início de Janeiro, a comunicação social divulgou que muitos centros de saúde, sobretudo na região Norte, ficaram com sobras de milhares de vacinas. Na rede de farmácias, isso não aconteceu: foram todas administradas.

Para além das 440 mil vacinas adquiridas junto da indústria farmacêutica, as farmácias vacinaram 200 mil pessoas maiores de 65 anos, para além de 10.000 colaboradores das próprias equipas, ao abrigo do Programa Vacinação SNS Local. Para garantir a equidade do acesso em todo o território, a Associação Dignitude comparticipou esse serviço, de forma universal: cada farmácia vacinou, pelo menos, 50 pessoas. Nalguns concelhos, foi possível ir para além desse limiar, graças à comparticipação das câmaras municipais. O preço do serviço de administração da vacina foi de 2,5€, que «não cobre os custos em formação, instalações e equipamentos, materiais de desinfecção, horas de trabalho e risco», declara Cristina Gaspar.

As farmácias já vacinam a população há 12 anos contra a gripe. Estão prontas a fazer o mesmo para combater a pandemia. A Ordem dos Farmacêuticos, a ANF e a Associação de Farmácias de Portugal (AFP) já manifestaram «total

disponibilidade» para integrar o dispositivo de vacinação contra a COVID-19. Num comunicado conjunto, emitido em 2 de Dezembro, aquelas organizações afirmam que os farmacêuticos querem «contribuir para que a vacina chegue a quem dela precisa, de forma segura e rápida».

A Associação de Distribuidores Farmacêuticos (ADI-





Riovac Tetra

Myles

My

FA) também garantiu ao Governo condições para a distribuição segura das vacinas em todo o território, mas lamentou ter ficado de fora da discussão do plano. «As farmácias são fundamentais para assegurar a vacinação em massa», declarou Nuno Cardoso, presidente da ADI-FA, ao jornal Negócios.

## EUROPA LEVANTA



**TEXTO:** CARLOS ENES **ILUSTRAÇÃO:** CARLOS RIBEIRO

## VOO

Governos europeus investem cada vez mais nas farmácias.



s governos europeus aumentaram o investimento nas redes de farmácias comunitárias para fazer face à COVID-19. A pandemia acelerou a tendência para a diversificação dos serviços farmacêuticos e a respectiva contratação por parte dos Estados. É o que resulta do levantamento sistemático dos serviços farmacêuticos actualmente praticados em 32 países da Europa, levado a cabo pelo Instituto de Saúde Baseada na Evidência (ISBE), com o apoio de peritos da London School of Economics, Universidade de Huddersfield (Inglaterra), e da SDA Bocconi School of Management (Itália).

O mapeamento contabilizou 38 serviços farmacêuticos que já eram praticados antes da pandemia, 31 dos quais comparticipados por um número variável de Estados. As farmácias exercem funções «muito além da dispensa de medicamentos, já reembolsadas em alguns países, o que confirma o seu papel na promoção da saúde, rastreio, combate à doença e acompanhamento de casos», descreve o relatório final do estudo. As prioridades dos Estados, nas decisões de investimento, recaem em serviços promotores de eficiência económica, segurança e adesão à terapêutica.

No universo de 32 países, as farmácias registaram 30 respostas à pandemia, 16 das quais comparticipadas em vários países. Cerca de metade dos países investiram na dispensa de máscaras e desinfectantes à população. O álcool-gel preparado nos laboratórios farmacêuticos é comparticipado em 9 Estados. A Espanha começou a remunerar as farmácias pela dispensa de medicamentos hospitalares, enquanto Alemanha, Dinamarca, Finlândia e Letónia investiram no incremento das dispensas ao

domicílio. As respostas à pandemia ocorreram de forma generalizada, em toda a Europa, e «num período muito curto de tempo, o que reflecte o carácter reactivo e adaptativo das farmácias ao surto pandémico».

Os peritos analisaram um grande acervo de estudos científicos realizados internacionalmente, com destaque para a Inglaterra, tendo concluído que existe evidência científica do valor da intervenção dos farmacêuticos comunitários na triagem e no encaminhamento de doentes, gestão da doença crónica, vacinação contra a gripe, gestão de medicamentos, troca de seringas e cessação tabágica.



### EVIDÊNCIA PARA AGIR

Grupo Farmacêutico da União Europeia (PGEU) emitiu uma carta de "Apelo à Acção" (Call to Action) aos governos europeus. «O PGEU desafia os decisores políticos nacionais e regionais a maximizar os benefícios da intervenção dos farmacêuticos comunitários, para aumentar os resultados em saúde, adesão à terapêutica e segurança», escreve a organização, que representa mais de 400.000 farmacêuticos comunitários que contribuem para a saúde de mais de 500 milhões de pessoas em toda a Europa.

No dia 14 de Dezembro, o PGEU promoveu a apresentação online do estudo *Pharmacy Services in Europe* – *Evaluating Trends and Value* (Serviços das Farmácias na Europa – Avaliando Tendências e Valor), da responsabilidade do ISBE. O debate reuniu membros do Parlamento Europeu, representantes da Comissão Europeia, da OCDE, autoridades europeias de saúde e de organizações europeias de doentes e profissionais de saúde.

A diversificação do papel das farmácias gerou um amplo consenso, em particular para resolver a actual crise pandémica. «Os farmacêuticos comunitários deviam estar mais bem integrados no sistema, até para reduzir a sobrecarga dos prestadores de cuidados primários», defendeu Caroline Berchet, da Divisão de Saúde da OCDE. Para o representante da Comissão Europeia (CE), as farmácias são indispensáveis à concretização da estratégia comunitária de contenção da COVID-19. «Adoptar uma estratégia é importante, mas mais importante é implementá-la. É por isso que precisamos dos farmacêuticos comunitários», expôs Pierre Delsaux, director-geral adjunto da Saúde da CE. «As experiências nacionais demonstram que os farmacêuticos comunitários podem prestar cuidados de saúde centrados no doente, que sejam eficientes e de alta qualidade», concluiu o português Duarte Santos, presidente do PGEU.





GRUPO FARMACÊUTICO
DA UNIÃO EUROPEIA
EMITIU UMA CARTA DE "APELO
À ACÇÃO" DOS GOVERNOS
EUROPEUS

	SERVIÇOS FARMACÊUTICOS MAIS REMUNERADOS PELOS GOVERNOS	PAÍSES
	MEDICAMENTOS MANIPULADOS EM LABORATÓRIO	20
	DISPENSA E GESTÃO DE TERAPÊUTICAS DE CUSTO ELEVADO	14
24	SERVIÇOS NOCTURNOS	13
	RENOVAÇÃO DA TERAPÊUTICA	11
	REVISÃO DA TERAPÊUTICA	7
	TOMA ASSISTIDA DE MEDICAMENTOS	6
	ACONSELHAMENTO NA PRIMEIRA DISPENSA	5
A. willer	VACINAÇÃO	5
	SUBSTITUIÇÃO POR MEDICAMENTO GENÉRICO	5
	AJUSTE INDIVIDUAL DA DOSE	5
	DISPENSA AO DOMICÍLIO	4
	TROCA DE SERINGAS	4

2.00.00 2.00.00 2.00.000 2.00.0000	SERVIÇOS DE COMBATE À COVID-19 MAIS REMUNERADOS	PAÍSES
	STOCK E ABASTECIMENTO DE MÁSCARAS	15
	STOCK E ABASTECIMENTO DE DESINFECTANTES DE MÃOS	14
	STOCK E ABASTECIMENTO DE MEDICAMENTOS ESSENCIAIS	10
	PREPARAÇÃO DE SOLUÇÕES ALCOÓLICAS EM LABORATÓRIO	9
	USO DE MÁSCARAS DESCARTÁVEIS PELO STAFF DA FARMÁCIA	5
	INCREMENTO DAS DISPENSAS AO DOMICÍLIO	4

# CIÊNCIA EM ACÇÃO

**TEXTO: CARLOS ENES** 

s farmácias enfrentaram a pandemia com segurança de procedimentos graças a dois recursos estratégicos. Primeiro, formação técnica especializada, proporcionada pela Escola de Pós-graduação em Saúde e Gestão (EPGSG). Depois, informação científica actualizada diariamente, a partir das melhores fontes internacionais, garantida pelo Centro de Informação do Medicamento e Intervenções em Saúde (CEDIME).

Mais de 150 mil formandos frequentaram já os cursos da "Escola", como é carinhosamente conhecida entre as equipas das farmácias. Fundada em 1983, muito antes da vaga de fundos comunitários para formação profissional, a EPGSG criou um curso especializado em COVID-19, abrangendo o conhecimento do vírus, os procedimentos de higiene, o aconselhamento farmacêutico aos cidadãos e intervenções técnicas, como os testes rápidos. A maioria das formações foi feita online, com uma adesão massiva. Em 2019, as 378 actividades formativas da Escola tiveram 44.954 formandos. Os 44 cursos sobre COVID-19 tiveram 18.553 formandos. Porque há necessidades de saúde para além da pandemia, a EPGSG realizou 334 acções de formação sobre outros problemas, com 26.401 formandos.

Por seu lado, o CEDIME envia, várias vezes por semana, uma Newsletter com toda a informação científica sobre a doença e a intervenção farmacêutica. O fluxograma de despistagem de sintomas e de orientação de doentes suspeitos, criado pelo CEDIME em Março, foi adoptado em todo o mundo. O guião português foi traduzido em dezenas de idiomas, como árabe, chinês, espanhol, inglês e russo, por iniciativa da Federação Internacional Farmacêutica (FIP), que o recomendou aos farmacêuticos e suas equipas em exercício em farmácias comunitárias, hospitalares e laboratórios de análises clínicas.



Manual de procedimentos das farmácias portuguesa foi traduzido em dezenas de línguas, como o árabe

### QUADRO DE HONRA

EPGSG da ANF premiou seis farmacêuticos como melhores alunos, em 2019, do FIT®, programa de capacitação das equipas das farmácias nas áreas técnicocientífica, tecnológica, comportamental e de eficiência operacional. A EPGSG atribuiu ainda o prémio de excelência FIT® às farmácias São

João, Sália, Ferrer e Campo Maior. As farmácias Conceição, em Aveiro, e Minerva, de Arco de Baúlhe, Braga, receberam menções honrosas.

Também as farmácias Parque do Estoril e Central, no Cacém, foram premiadas pelo CEDIME, pela sua extraordinária participação na época de vacinação contra a gripe 2019/2020. Ambas se distinguiram pela promoção da literacia da população sobre os riscos da gripe, com o consequente crescimento das taxas vacinais. Produziram cartazes, folhetos e vídeos, comunicaram por e-mail e nas redes sociais, foram às empresas, aos lares, às escolas e até a bombas de gasolina.





















- 1 José Fernandes, Farmácia Neves Silva, Albufeira
- 2 Catharine Falch, Farmácia Ferrer, Castelo Branco
- 3 Serafim Ventura, Farmácia de São Miguel, Sabugal
- 4 Farmácia Campo Maior, Campo Maior
- 5 Ana Domingues, Farmácia Boavista, Leiria
- 6 Farmácia Sália, Setúbal
- 7 Farmácia Ferrer, Castelo Branco
- 8 Sandra Casanova, Farmácia Brito, Ponte de Lima
- 9 Zita Machado, Farmácia Silva Monteiro, Odivelas
- 10 Farmácia São João, Ponte de Lima

## NO FIM DO SNS

Farmácia de Vilar de Maçada segura à vida doentes esquecidos.

REPORTAGEM: VERA PIMENTA FOTOGRAFIA: RICARDO CASTELO

o Largo do Adro, a Igreja Matriz ergue-se imponente a olhar pelo povo de Vilar de Maçada. A seu lado, o verde infinito das vinhas marca a história da tímida vila transmontana, conhecida pelos bons vinhos e produtos biológicos, nascidos do melhor que a terra dá.

A cruz da farmácia brilha à distância, a lembrar a esperança em tempos melhores. Numa manhã soalheira de Outono, é para lá que caminha Mariana Martins, de 71 anos. Foi nestas ruas e calçadas que viu passar toda a vida. Pela altura do seu nascimento, Vilar de Maçada batia o recorde de população com 2.241 habitantes. Desde então, os números não pararam de descer. Os Censos 2011 já só contabilizaram 915 residentes na freguesia, os de 2021 vão apanhar seguramente menos.

«Aqui há muitos idosos», contempla a septuagenária, hesitante. «Como se vê, não anda ninguém na rua. Está tudo em casa ou no lar, que está tão cheio que já não tem lugar para mais ninguém», descreve. Com a chegada da pandemia, a população viu encerrar muitos dos poucos serviços à sua disposição. A começar pela extensão de saúde, que foi a primeira a fechar portas e a mudar-se para Alijó.

Mariana não faz análises de rotina há um ano. Há uns meses, foi na farmácia que descobriu os valores de coles-

terol a 296. Por aconselhamento do farmacêutico director-técnico, falou com o médico por telefone e conseguiu uma receita. Com a ajuda da medicação, o valor já baixou até aos 206. Mariana não poupa nos elogios a João Matu: «Este doutor foi um deus do céu que caiu nesta terra». E recorda como a abertura da Farmácia Nova, em 2016, «veio dar uma grande ajuda» a uma população cada vez mais isolada.

NCONTREI
UMA SENHORA
QUE JÁ NÃO TOMAVA O
MEDICAMENTO DA DIABETES
HÁ CINCO DIAS», RELATA
O FARMACÊUTICO

«Esta farmácia é um espelho de muitas farmácias pequenas no Interior», afirma o farmacêutico, de 57 anos. Devido à população envelhecida e, em muitos casos, carenciada, o processo de atendimento é mais demorado. Exige maior cuidado na explicação das posologias para a correcta adesão à terapêutica. «Na cidade, em princípio, a pessoa conhece a posologia de um paracetamol e tem maior facilidade em consultá-la, em caso de dúvida; aqui é muito diferente», exemplifica. Nestes meios rurais, herdeiros de muito analfabetismo, o trabalho de um farmacêutico comunitário é «mais exigente, mas também mais recompensador».



Numa terra onde todos se conhecem, os utentes são tratados pelo nome e acarinhados pela equipa como se fizessem parte de uma grande família. Quando rebentou a pandemia, a farmácia tornou-se o centro de referência da comunidade. Ao contrário de outros equipamentos sociais e de saúde que fecharam as portas, continuou a

atender toda a gente, mesmo nas fases mais críticas. «A população ficou tão isolada que cheguei a receber chamadas de filhos de utentes, do estrangeiro, para saberem dos seus familiares», recorda João Matu, comovido.

Quando o médico de família deixou de aparecer, a população, alarmada pelo desenrolar da pandemia na te-

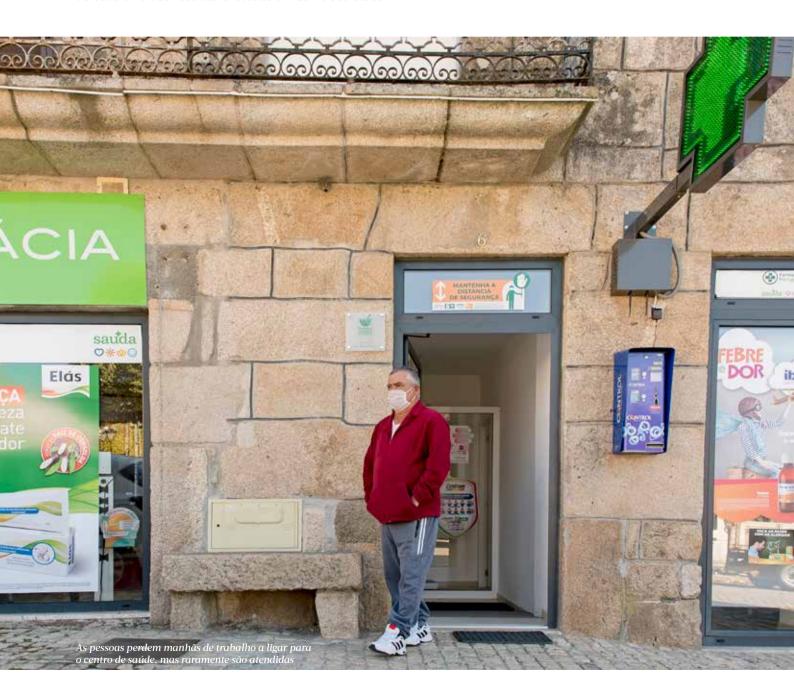


levisão, passou a recorrer à farmácia para todo o tipo de esclarecimentos. «Tentei acalmar as pessoas. Disse-lhes que havia sempre uma saída e que estamos cá para ajudar», recorda o farmacêutico.

A pandemia cortou o acesso regular da população à prescrição médica. Todos os dias aparecem na farmácia pessoas desesperadas, depois de horas a ligar para o centro de saúde de Alijó, à espera de que alguém atenda os telefones e peça aos médicos para renovar as receitas.

A solução foi a farmácia assumir esse expediente. Todos as noites, depois de fechar as portas, o trabalho do director-técnico só acaba quando pede a renovação de cada uma das receitas anotadas à mão no seu bloco.

EXTENSÃO DE SAÚDE MUDOU-SE PARA ALIJÓ. FECHOU O CENTRO DE DIA. FICOU A FARMÁCIA



«Desde Março, já enviei mais de 500 e-mails para o centro de saúde», desabafa. Enquanto a resposta não chega, dispensa os medicamentos a crédito. É a única forma de garantir a continuidade do tratamento, particularmente no caso dos doentes crónicos.

A extensão de saúde, fechada sem perspectiva de reabertura, para além de Vilar de Maçada, servia as aldeias ao seu redor: Pópulo, Vila Verde e Ribalonga. «Agora, para ir ao médico, são 44 quilómetros, ir e vir. Já viu?», comenta Jorge Moutinho, com indignação. «Estamos a falar de cerca de dois mil utentes que ficaram sem médico de família», lamenta o homem, de 69 anos. Devido à falta de transportes públicos e às reformas baixas, a maioria da população idosa, sem carro próprio, tem grandes dificuldades em aceder a cuidados de saúde.

Ao balcão, também João Matu deu pela falta de vários doentes crónicos no decorrer da pandemia. «Quando as pessoas ficam muito tempo sem vir levantar a medicação prescrita, eu sei que alguma coisa não está bem», afirma o farmacêutico. Por isso, pelo menos uma vez por mês, às sete horas da manhã, arranca no seu carro e leva a farmácia até cada uma das aldeias das redondezas. No banco de trás, carrega uma banheira de transporte de medicamentos recheada de aparelhos de medição de tensão arterial e de parâmetros bioquímicos. No coração, a ânsia de ajudar os que vivem longe de tudo e todos.

À sua chegada, as pessoas correm até ele para lhe contarem o que lhes pesa na alma e na saúde. Muitos chegam a estar vários meses com os tratamentos interrompidos e os sintomas descontrolados. «Há uns dias encontrei uma senhora que não tomava o medicamento da diabetes há cinco dias. Tinha tonturas, sentia-se mal. A doença estava fora de controlo», relata.

Às portas de Vila Real, a pouco mais de 114Km do Porto, há muitos doentes esquecidos, mas nunca pelo doutor João.

FARMACÊUTICO PEGA NO CARRO E VISITA AS ALDEIAS VIZINHAS, COMPLETAMENTE ISOLADAS





# CRISE-19

Farmácias dos centros históricos quase vazias.

REPORTAGEM: CARLOS ENES



Porto não é dado a terramotos, mas a pandemia teve quase o mesmo efeito económico. «De um momento para o outro, caiu a pique», retrata o arquitecto Mário Mesquita. Os belos edifícios do centro histórico resistiram, mas o coronavírus engoliu aquele mar de gente que bebia copos, comprava de tudo e trocava línguas e sotaques noite fora. Ficaram os sobreviventes. «Antes, parecia o São João todos os dias. Agora, tenho dias com uma dúzia de clientes», descreve o administrador da Farmácia dos Clérigos.

O que caiu a pique foi a procura. Se alguém não acredita, Mário tira as provas do bolso e mostra-as no ecrã do telemóvel. As estatísticas do Sifarma. Gest, programa informático de apoio à gestão das farmácias, contabilizam 933 atendimentos na Farmácia dos Clérigos durante todo o mês de Abril de 2020. Uma média de 35 clientes

# «Antes, parecia o São João todos os dias. Agora, tenho dias com uma dúzia de clientes», lamenta Mário Mesquita, administrador da Farmácia dos Clérigos

# Na última década, a facturação da Farmácia Vitália caiu para metade, com redução de seis postos de trabalho

# LTIMAMENTE, OS TURISTAS ERAM MUITO IMPORTANTES PARA NÓS. SEM ELES, NÃO SEI COMO VAI SER»



por dia, considerando que fecha aos domingos para descanso do pessoal. Em 2019, no mesmo mês, fez 4.080 atendimentos ao balcão. A COVID-19 matou três quartos da actividade.

Quanto tempo sobrevive a baixa do Porto sem turistas? Fizemos a pergunta ao presidente da Câmara. «Não sobrevive muito tempo. Ela depois renascerá, a verdade é que as cidades são muito resilientes. Mas as actividades

que as cidades têm não são resilientes. Se esta situação se prolongar no tempo, prevejo que haja um colapso muito significativo na actividade da baixa», respondeu Rui Moreira.

Parece incrível, mas a pandemia também pode matar serviços de saúde. A Farmácia Vitália, instalada no belo Palácio das Cardosas, um edifício histórico, pertence a um grupo de risco: faz 88 anos no dia 4 de Fevereiro de 2021.





# STE REGRESSO AO CONFINAMENTO É MUITO GRAVE. POSSO TER DE DISPENSAR MAIS PESSOAS»

«Ultimamente, os turistas eram muito importantes para nós. Sem eles, não sei como vai ser», desabafa o director-técnico, genuinamente apreensivo. Ele e outro sócio, também farmacêutico, foram dos primeiros a apanhar COVID-19. No dia 12 de Março, a Vitália fechou as portas em sobressalto, com três casos de infecção entre os colaboradores. «Apanhámos um susto, mas felizmente estamos todos bem», recorda Armindo Cosme.

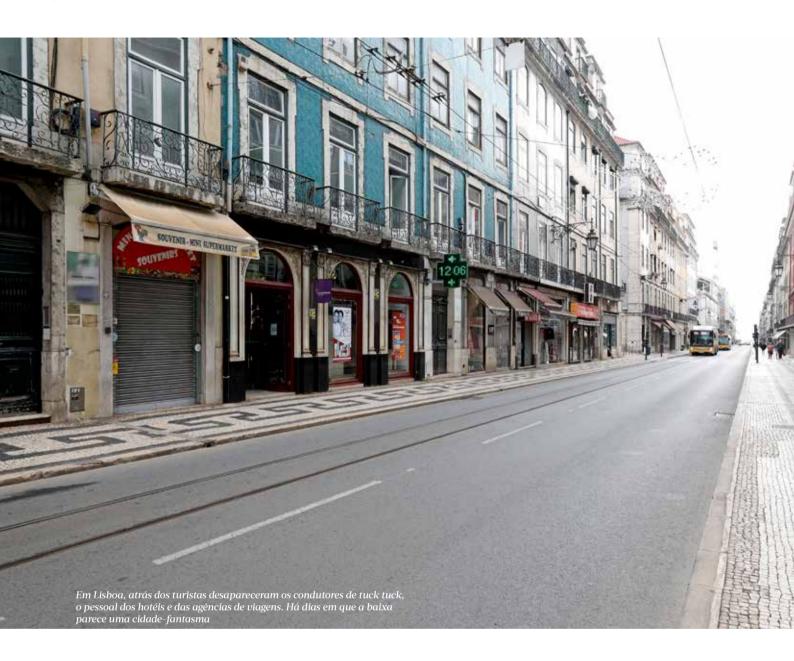
A farmácia esteve encerrada 13 dias para toda a equipa cumprir quarentena profiláctica, de acordo com as instruções dos médicos de Saúde Pública. Duas semanas sem facturar um cêntimo foram mais uma parcela de prejuízo. A crise já se arrasta há demasiado tempo. Na última década, com as medidas de austeridade e o êxodo de muita população residente, a facturação da Vitália caiu para metade. Em 2009, a porta não fechava, pontualmente às 21 horas, sem antes 500 pessoas, pelo menos, terem saído servidas. Em 2020, ficou nos 150 atendimentos por dia. A equipa tinha 15 pessoas, agora tem nove. A pequena empresa não consegue conservar os postos de trabalho.

A aproximação do final da moratória para a livre actualização das rendas das lojas históricas é uma espada de Dâmocles, de lâmina afiada e presa por um fio. «Os residentes estão a ser comidos», descreve Armindo Cosme, que teme vir a ser a próxima vítima da especulação imobiliária. Centenas e centenas de casas de família passaram para o alojamento local, mas não foi apenas isso. Também fecharam agências bancárias, clínicas médicas, pequenos e grandes comércios. A fábrica dos chocolates Arcádia foi para Gaia e levou com ela os operários. A Santa Casa da Misericórdia mudou-se para a Boavista. À medida que foi caindo o receituário, os produtos de saúde e bem-estar, com IVA a 23 por cento, ganharam um peso maior na facturação. «Os turistas foram uma almo-



Desde Março, a facturação da farmácia de Braga foi sempre negativa, entre -26% e -63%



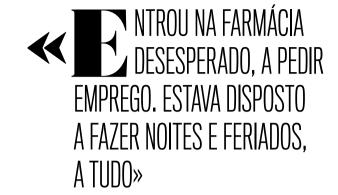


fada de segurança para nós, mas alguém sabe quando voltam?», preocupa-se o director-técnico.

No mesmo quilómetro de baixa, no Largo de São Domingos, as traduções "Pharmacie", "Pharmacy" e "Apotheke" legendam a portuguesíssima "Farmácia" na bela fachada de ferro, que era fotografada cem vezes ao dia. Fundada em 1804, a Farmácia Moreno, com um museu lá dentro, rivalizava com a Livraria Lello. «Tudo o que era turista passava por aqui», relata o farmacêutico proprietário, com ar nostálgico. Os sete farmacêuticos e a ajudante técnica falavam inglês, francês, castelhano e «português de vez em quando». Hoje disputam avidamente cada cliente, porque passam mais tempo de braços cruzados. «As pessoas começam a sentir que estão a mais, porque não há movimento», alerta João Almeida. Apreensivo com «o desgaste emocional que a pande-

mia trouxe à equipa», resolveu desenvolver a loja online. «Quase não deu negócio, mas serviu para manter as pessoas entusiasmadas num novo projecto», explica.

S SETE FARMACÊUTICOS DISPUTAM AVIDAMENTE CADA CLIENTE, PORQUE PASSAM MUITO TEMPO DE BRAÇOS CRUZADOS A ameaça económica traz muita gente tensa, cheia de medo do futuro. Como a doença, a crise é uma fonte de dramas. A Farmácia Brito, um dos estabelecimentos comerciais mais antigos da grande Avenida da Liberdade de Braga, tem sido palco de alguns. Na primeira vaga da pandemia, a crise económica impôs a dispensa de uma farmacêutica. Uma oportunidade de emprego na indústria farmacêutica levou à saída de outra. Até ver, a equipa está reduzida a cinco pessoas. «Este regresso ao confinamento é muito grave, posso ter mais postos de traba-





lho em risco», declara a farmacêutica proprietária. «Não dá para termos colaboradores medianos, todos têm de ter grande dedicação e sacrifício, caso contrário é o fim de linha», alerta Ana Gomes.

Em Dezembro, um técnico de farmácia ficou infectado. Foi toda a gente para casa, de quarentena, à excepção dela e do outro farmacêutico da equipa, ambos com testes negativos. «Foi a minha salvação, se não ia ter de fechar a farmácia», afirma a directora-técnica. O colega, de 47 anos, caiu-lhe do céu num pranto, ainda na

primeira vaga da pandemia. «Entrou-me na farmácia desesperado, a pedir emprego. Dizia que trabalharia noites e feriados, estava disposto a tudo», recorda Ana Gomes. Foi uma decisão de risco, mas não podia estar mais satisfeita com a contratação.

Há muita gente a cair nas garras do desemprego. No Porto, fechou o mítico Majestic Café, até parece mentira. Em Braga, A Brasileira aguenta-se, sabe Deus como. No centro histórico, faliram muitas lojas, sobretudo de calçado e de vestuário. «Só daqui, vejo três que fecharam mesmo», lamenta Ana Gomes, à porta da farmácia. «Estamos num momento muito complicado. Tive de pedir um empréstimo para honrar os compromissos», confessa.

O senhorio é o pai, por isso facilita o pagamento das rendas. No centro das grandes cidades, moradores antigos já há muito poucos. Fundada em 1933, com uma grande porta ogival em cantaria, «a farmácia era atraente para os turistas, mas eles desapareceram de repente». De um dia para o outro, a pandemia rebentou com o negócio. De Março até ao final do ano, fez menos 12.901 atendimentos do que em 2019. Menos 32% de clientes, menos 32,4% de facturação. Dez meses no vermelho. Em Abril, soaram campainhas de alarme: o mês fechou com uma quebra de 63% na coluna das receitas. Como a margem média dos medicamentos comparticipados é de 17,5%, a mais baixa da Europa, a redução abrupta da actividade deixou de cobrir as despesas. «Só consigo pagar ordenados e impostos, pouco mais», conclui Ana Gomes.

As farmácias dos centros históricos das grandes cidades estão a viver um pesadelo. Em 2020, a facturação da Farmácia Moreno caiu 70% em Abril, 69% em Maio e 61% em Junho, face aos meses homólogos. O ano fechou com uma quebra global de 30% em relação a 2019. Todos os meses foram negativos, à excepção do primeiro trimestre. Antes da pandemia, o turismo continuava a subir em Portugal, mesmo no Inverno.

«Os primeiros dois meses do ano ajudaram a compensar as contas, mas estou a perder muito mais do que ganhei nessa altura», resume Mário Mesquita, administrador da Farmácia dos Clérigos. O Estado não aliviou os impostos: 45 mil euros de pagamento especial por conta, em três tranches. Não despediu, nem entrou em *lay-off*, graças ao investimento nos medicamentos manipulados. A Farmácia dos Clérigos produz cremes, pós secos, pomadas, soluções e xaropes para 250 farmácias de todo o país, do Minho ao Algarve. A mãe, farmacêutica, e o

M ABRIL, SOARAM CAMPAINHAS DE ALARME NA FARMÁCIA DE BRAGA: A FACTURAÇÃO CAIU 63%

# FACTURAÇÃO DA FARMÁCIA MORENO, DO PORTO, CAIU 70% EM ABRIL, 69% EM MAIO E 61% EM JUNHO

pai, técnico com registo de prática, estão reformados. O irmão e a irmã, ambos farmacêuticos, fazem parte da equipa de 22 pessoas. «Conseguimos manter esta gente toda graças aos laboratórios, caso contrário era uma desgraça», adverte o administrador.

No centro das grandes cidades também há pequenas farmácias de bairro, para as quais a quebra de facturação causada pela COVID-19 é ainda mais difícil de suportar. «Não sei quanto tempo vamos aguentar mais, desde que começou a pandemia estamos em queda», declara a farmacêutica proprietária da Farmácia Príncipe Real, bairro histórico de Lisboa. Em Abril de 2020, só fez metade dos atendimentos do mês homólogo: 1.400 contra os 3.000 de 2019. A facturação caiu 30%.

O valor da venda média também se degradou. Com o êxodo dos turistas, quase desapareceu a dispensa de produtos de saúde e bem-estar. A Farmácia Normal, edifício histórico da Rua da Prata, em 2019 vendeu 1.000 protectores solares; em 2020, ficou-se pelos 200. «Desapareceram os turistas e também quem trabalha para o turismo, dos condutores de tuck tuck, ao pessoal dos hotéis e das agências de viagens», descreve a directoratécnica e co-proprietária, Catarina Fonseca. A esmagadora maioria dos antigos moradores foi corrida da baixa para os senhorios venderem os prédios a cadeias de hotéis ou investidores no alojamento local.

Por força do hábito, alguns ainda passavam pela farmácia da Rua da Prata quando iam às missas da Igreja de São Nicolau. Com a pandemia, deixaram de ir, têm medo de se meter nos transportes públicos. Uma clínica médica das imediações fechou as portas em Março. Reabriu em Julho, mas a "meio-gás". Menos clientes e menos receitas médicas resultaram num rombo permanente de facturação: -40% em Abril, -50% em Maio, -25% em Junho, -30% em Julho e Agosto, -20% em Setembro, -31% em Outubro, -28% em Novembro, -30% em Dezembro.



E agora, que em vez de vacinas temos um recorde de infectados? «Não vão ser meses fáceis, não», declara Catarina Fonseca, às portas de um novo confinamento. A Farmácia Normal tem cinco colaboradores, a Farmácia Príncipe Real apenas quatro, incluindo as directoras-técnicas e proprietárias. Elas próprias dão o corpo e a alma para evitar cortes de salários ou tocar nos postos de trabalho. «Quando entrei era a mais nova, agora sou a mais velha. Enquanto puder pagar as contas, não entro em lay-off, nem despeço ninguém», afirma Catarina Fonseca. «Estou a dar horas que nunca pen-

sei dar à farmácia, passo muitos domingos ao balcão. Mas isto é o meu projecto de vida, não vou desistir dele agora», garante Glória Vilas Boas. As duas mulheres sabem que um dia vão ajustar contas com o vírus. No gabinete de consultas farmacêuticas, vacinando as pessoas. Ou mesmo ao balcão de atendimento, porque há muitos farmacêuticos no mundo a trabalhar num medicamento para acabar com ele.

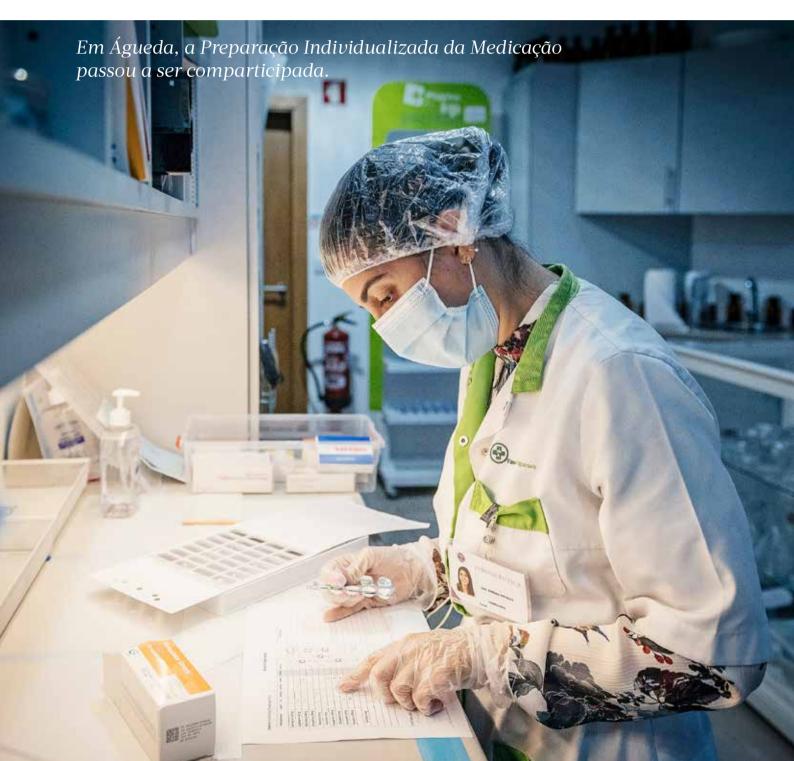




# REMÉDIOS PERSONALIZADOS

REPORTAGEM: VERA PIMENTA

FOTOGRAFIA: JOSÉ PEDRO TOMAZ



eorgina e Elísio sempre foram cidadãos activos. Depois de uma vida preenchida a dois, aos poucos a saúde começou a dar sinais de cansaço. Hoje, aos 77 anos, é com dificuldade que Elísio convive com três doenças crónicas: Alzheimer, Parkinson e demência.

Há dois meses, foi numa visita a Águeda que Isaura Martins, amiga de longa data, encontrou o casal desorientado, abatido e sem saber como gerir as desventuras que a idade lhes trouxe. Georgina conta 72 anos de uma boa disposição inabalável. Mas sozinha não conseguia cuidar do marido, cada vez mais dependente na rotina diária.

Sem pensar duas vezes, Isaura trocou a estabilidade da vida familiar em Tondela pela missão de cuidar dos seus dois amigos, de quem guardava tão boas memórias. A experiência trouxe-a das duas décadas em que trabalhou como assistente num lar de idosos.

Agora, o seu dia-a-dia é passado a acompanhar Elísio para todo o lado: dar-lhe banho, preparar as refeições, fazer a caminhada diária e ver o tempo a passar do banco do jardim.

Aos fins-de-semana, quando é possível, o marido faz-lhe uma visita. Outras vezes é Isaura quem regressa a Tondela, levando consigo o casal. «Jamais os deixaria aqui sozinhos. Eles são a minha família».

Emocionada, Isaura fala da importância do auxílio que dá aos dois idosos. «A Dona Georgina também tem muitos problemas de saúde, faz diálise três vezes por semana e já não dava conta do recado». Elísio toma 12 comprimidos por dia. Somando a esses os medicamentos da esposa, o resultado é um acumulado de caixas, difícil de gerir para qualquer cuidador ou doente.

Na farmácia encontraram a solução. A Preparação Individualizada da Medicação (PIM) é um serviço farmacêutico criado para evitar falhas, duplicações, trocas e outros erros na toma de medicamentos.





S MEDICAMENTOS
JÁ SAEM DA
FARMÁCIA ORGANIZADOS
DE ACORDO COM A
PRESCRIÇÃO MÉDICA

Os medicamentos já saem da farmácia organizados de acordo com a prescrição médica. Cada compartimento das caixinhas de plástico contém todas as cápsulas e os comprimidos para cada horário de medicação ao longo do dia. «Uma vez por semana vou à farmácia, trago o dispositivo e depois é só abrir o respectivo compartimento a cada refeição», explica Isaura.





Precisam de ajuda para evitar erros que podem ser graves

Mais de metade dos doentes erra na toma de medicamentos, segundo dados da Organização Mundial da Saúde. As falhas diminuem o efeito terapêutico dos medicamentos e o controlo das doenças. Nalguns casos, causam problemas de saúde graves que requerem hospitalização urgente e podem conduzir à morte.

As equipas do INEM são frequentemente chamadas por causa de problemas destes. O bombeiro Franco Lourenço já perdeu a conta às vezes em que levou ao hospital doentes descompensados pela má toma da medicação. «Há muitos idosos carenciados, alguns que nem sequer sabem ler», relata este operacional que presta serviço ao INEM. «Temos muitas situações de intoxicação medicamentosa ou de doentes que se sentem mal. Por exemplo, os hipertensos», descreve.

Águeda é um concelho cada vez mais bipolar. A população mais jovem e adulta concentra-se na cidade, a trabalhar em grandes empresas ou na indústria, maioritariamente metalúrgica. Em contraste, nas freguesias rurais há cada vez mais idosos, muitos deles a viver sozinhos. «A grande maioria dos nossos utentes são polimedicados», afirma Ricardo Rodrigues, director-técnico da Farmácia Amaral. «Alguns chegam a fazer doze ou treze tratamentos diferentes e têm muita dificuldade em lidar com isso», descreve o farmacêutico.

As equipas das farmácias detectam muitos casos de doentes a tomar comprimidos repetidos, fora de horas, muitas vezes nas dosagens erradas. Para combater este flagelo, já há três anos que a Farmácia Nova, localizada no centro de Águeda, começou a tratar da PIM para vários utentes da zona. A Câmara Municipal decidiu há meses comparticipar o serviço, para que possa chegar com facilidade aos munícipes, mesmo aos mais pobres. «Vamos poder proporcionar este serviço a mais pessoas. O que é uma grande vantagem, não só para os doentes como para os cuidadores», afirma a directora-técnica da Farmácia Nova.







Rosa Cerveira acredita que, na correria do dia-a-dia, nem sempre os filhos têm o tempo que gostariam para dedicar aos pais. «A PIM dá-lhes alguma tranquilidade, porque sabem que a medicação está a ser feita correctamente». E garante que é um orgulho fazer parte deste momento histórico em que Águeda passou a ser o primeiro município do país a comparticipar o serviço aos utentes carenciados.

O protocolo assinado em Agosto entre a Câmara Municipal de Águeda e a ANF abrange doentes crónicos ou idosos, identificados pelo centro de saúde e pelas farmácias. O serviço tem um custo semanal de cinco euros, que pode ser financiado até 100 por cento pelo município, em função da condição socioeconómica do beneficiário.

António Almeida é um dos utentes que vão aproveitar a PIM para o pai, doente polimedicado com 91 anos.

«Com tantas caixas, nem sempre temos a certeza se ele tomou os medicamentos, muito menos à hora certa». O ex-professor do ensino primário acredita que a toma incorrecta da medicação é um factor de agravamento de doença e de aumento de despesas.



Paula Madeira passou anos ansiosa por não saber se os pais tomavam a medicação certa à hora certa. «Eu costumava ter umas caixas semanais onde organizava os comprimidos», conta. Aos domingos à tarde, chegava a passar duas horas à volta dos medicamentos – sempre







O PRIMEIRO PASSO PARA O FUTURO», REJUBILA O FARMACÊUTICO com medo de se enganar. Quando lhe apresentaram a PIM, não hesitou. «E foi a melhor coisa que podia ter feito», avalia a cuidadora, de 56 anos.

A enfermeira Eva Guimarães destaca a vantagem do serviço para os doentes crónicos. Actualmente a exercer funções enquanto membro da Direcção da Associação Fermentelense de Assistência a Crianças e Pessoas de Terceira Idade, Eva conhece bem a realidade em que vivem muitas famílias da pequena freguesia de Fermentelos.

«Temos muitas famílias carenciadas, em que pais e filhos são doentes crónicos», explica. «As reformas são pequeninas e é maravilhoso que esse serviço seja comparticipado, para

que possam ter dinheiro para comprar os medicamentos de que precisam». A enfermeira de 64 anos acredita que esta é a única forma de garantir que os utentes estão a cumprir a tabela terapêutica.

Numa instituição encarregada de cuidar dos mais debilitados, a medicação é uma prioridade. Por isso, com a ajuda da Farmácia Santil, muitos doentes no lar de dia estão já a usufruir da PIM, o que facilita a correcta toma

dos medicamentos, mesmo quando voltam a casa. «Se os fármacos não forem tomados a horas e na dose certa, notamos logo a diferença».

Bárbara Ramalho é uma das farmacêuticas que auxilia o lar nessa preparação. Numa terra maioritariamente rural, ao balcão da farmácia Bárbara vê passar muitos utentes idosos e com algum grau de dependência. «Muitas vezes reparamos que as pessoas vêm buscar um certo tipo de medicação depois de terem levantado algo semelhante há uns dias», conta.

A profissional de 27 anos espera que a iniciativa do município possa ajudar a evitar duplicações, garantindo a continuidade do tratamento. E recorda que são muitas as situações em que a toma do medicamento errado pode ter consequências graves na saúde das pessoas. «Uma falha ou uma duplicação pode ser fatal», avisa.



«A evidência científica mostra-nos que a eficiência do medicamento advém em grande parte da correcta adesão à terapêutica», reforça Ricardo Correia de Matos, presidente da Secção Regional do Centro da Ordem dos Enfermeiros. Essa evidência, sublinha, mostra que é necessária uma resposta integrada entre os vários profissionais de saúde, de modo a atingir o grau ideal de eficácia. «É bom perceber que as autarquias, enquanto elemento essencial do sector da Saúde, conseguem já montar uma resposta com as farmácias, em articulação com o SNS».





O também presidente da Delegação de Águeda da Cruz Vermelha Portuguesa acredita que Águeda está no caminho certo para a promoção da saúde, à semelhança do que já acontece no estrangeiro. «Esta integração multidisciplinar é vista por serviços nacionais de saúde mais evoluídos do que o nosso como algo fundamental e com resultados excelentes», frisa.

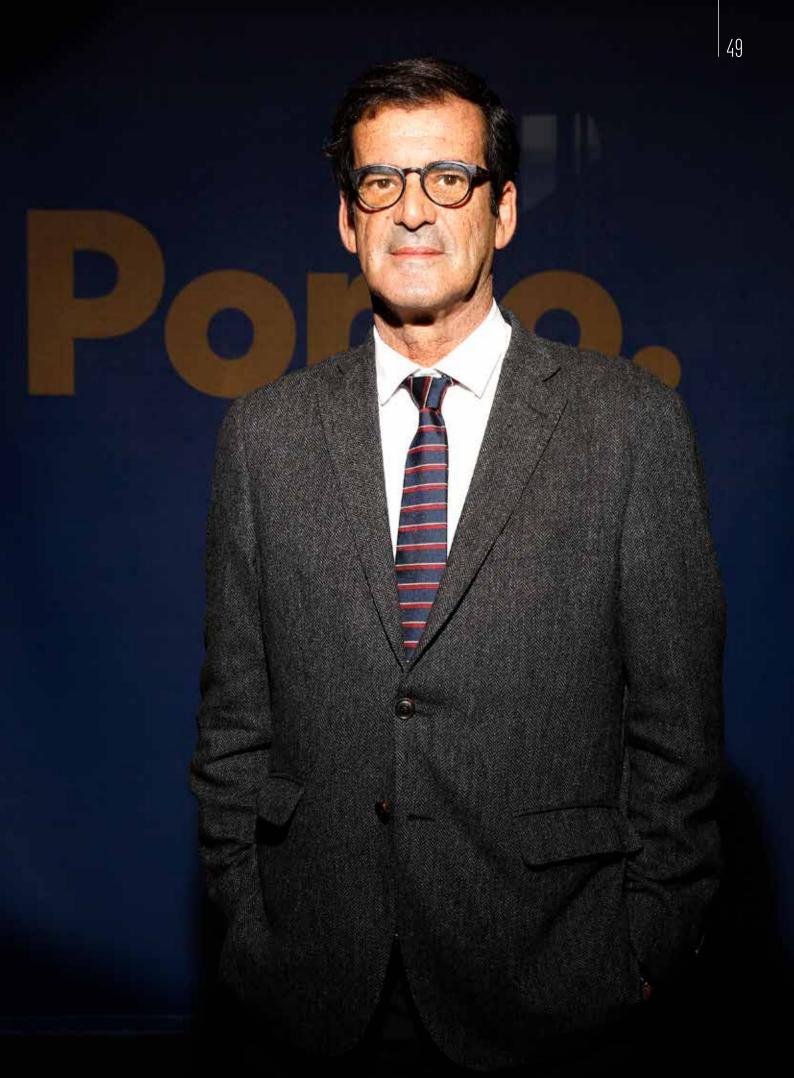
«Tudo o que ajude a melhorar a qualidade de vida é o primeiro passo para o futuro», acrescenta Pedro Marques, presidente da Junta de Freguesia de Macinhata do Vouga. Orgulhoso do exemplo que a sua cidade está a dar ao país, o farmacêutico explica que este projecto foi um esforço conjunto das farmácias do concelho e do presidente da Câmara Municipal, Jorge Almeida, enfermeiro com muitos anos de experiência no terreno. «Esta é uma iniciativa que põe o doente no meio de tudo, no centro do SNS. E é assim que tem de ser», remata. «Não há outro caminho».

### **RUI MOREIRA**

PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DO PORTO

## « VAMOS PRECISAR DAS FARMÁCIAS PARA VACINAR CONTRA A COVID-19»

ENTREVISTA: CARLOS ENES FOTOGRAFIA: PEDRO LOUREIRO



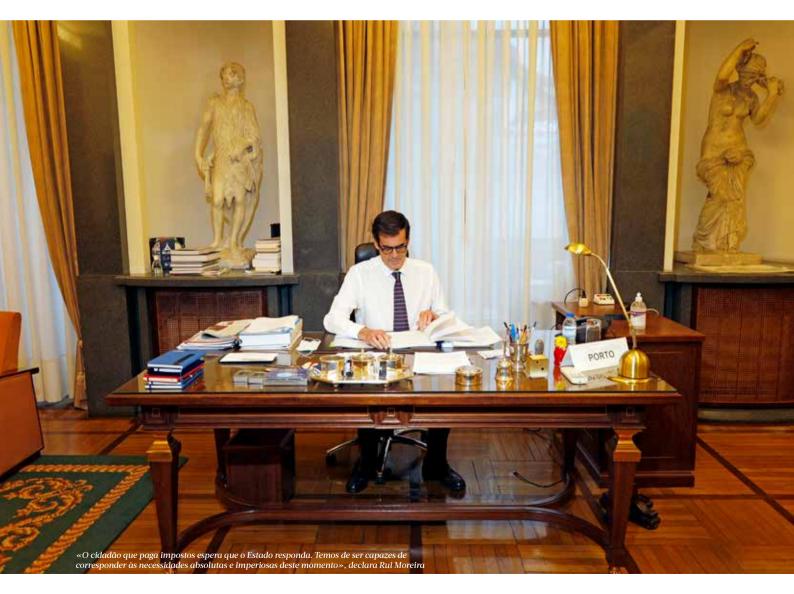
REVISTA FARMÁCIA PORTUGUESA (RFP): Na primeira vaga, por que se antecipou a apelar aos portuenses para se confinarem em casa e a pedir a declaração do estado de emergência?

RUI MOREIRA (RM): Quando fomos atingidos na primeira fase, nós percebemos mais rapidamente o que se passava porque, em primeiro lugar, estávamos atentos aos outros países. Depois, porque eu não tinha por hábito ver televisão à hora de almoço e ouvir as conferências da directora-geral da Saúde, fiquei imune à ideia de que a doença não chegava cá. Eu via mais televisão à noite, normalmente as notícias do estrangeiro. E percebi que, se os países com os quais nós temos porta aberta, nomeadamente Itália, França, ou Espanha, estavam com aquela pandemia, a não ser que nós tivéssemos algum anticorpo especial, iríamos levar com aquilo. Se ia cá chegar, havia coisas que era preciso fazer imediatamente. A primeira coisa era fechar, porque o sistema nacional de saúde, nessa altura, não estava

preparado para aguentar o impacto daquele tsunâmi, como o senhor primeiro-ministro, e bem, lhe chamou. Nós antecipámos aquilo que podíamos. Fizemos aquilo que podíamos, fizemos se calhar até mais do que podíamos.

RFP: Na segunda vaga, a Câmara do Porto foi das primeiras a antecipar horários para o final da tarde, convidando as pessoas a voltar a frequentar teatros e espectáculos. Como explica esta mudança tão grande de estratégia?

**RM:** Nesta fase, é diferente. Em primeiro lugar, os instrumentos que estão hoje ao dispor dos municípios são muito poucos. Os teatros municipais são quase a única coisa que eu posso decidir. Com as feiras já mudaram de opinião, andaram para a frente e para trás. E posso decidir, em rigor, que os restaurantes, em vez de fecharem às 10h30 da noite, fecham às 9h da noite. De resto, não me deram mais competências.



### **RFP:** Não lhe fazem confusão medidas que mudam tudo de uma hora para a outra?

**RM:** Eu nunca entendi que vírus é este que a partir das 10h30 da noite desaparece. Pelo contrário, sempre defendi, e escrevi ao senhor primeiro-ministro, naquela fase mais aliviada, que devia haver um alargamento dos horários, como aconteceu em Espanha. No Verão, não fiz férias fora do Porto, mas fui ali a Sanxenxo, onde de vez em quando vou. E verifiquei isto, curiosamente: andava toda a gente na rua de máscara, era obrigatório. Em Agosto, lá, era obrigatório andar de máscara. Aqui, agora é, mas não era. Primeiro até disseram que a máscara era má, depois que era inútil, aquela confusão. Lá, andava toda a gente de máscara. Fui jantar a um restaurante, entrei de máscara, sentei-me numa mesa e acabei de jantar, como é normal lá, à uma da manhã. Depois, quis ir beber um copo com os amigos, fomos a um bar, entrámos de máscara, disseram que nos tínhamos de sentar numa mesa, e saímos de lá eram três da manhã. O que é que isto fazia? Era reduzir a pressão sobre o espaço. Aqui, por alguma razão, acharam que fechando tudo à 1h30 da manhã o vírus desaparecia. Mas não desaparecia, passou foi para as festas ilegais.

### RFP: Deveríamos adoptar a mesma estratégia?

**RM:** Continuamos a pensar mal. O que é que nós precisávamos? De desfasar horários. Quer no trabalho, quer no transporte público, quer nas actividades comerciais.

### RFP: Não há aqui um excesso de autoridade do Estado, quando em vez de regras sanitárias universais diz a que horas se pode jantar, a que horas...

RM: Há, claramente. Até escrevi isso num artigo do Expresso, logo em Março ou Abril. Esta pandemia, não sendo bem comunicada e não sendo bem assumida, estava a trazer à tona dois extremos. De um lado, defensores das liberdades individuais que não querem saber da liberdade colectiva para nada. Do outro, os que acham que a liberdade colectiva deve esmagar as liberdades individuais. Entre os securitários e os libertários, é muito difícil navegar. Navega-se como? Tentando comunicar e explicar. E é isso que nós temos tentado fazer. Com alguma dificuldade, mas vamos tentar fazer até ao último dia.

### RFP: A Câmara do Porto cedeu viaturas aos centros de saúde, montou dois centros de testes, já iremos às farmácias. Esta pandemia veio inaugurar uma nova era do poder local na Saúde?

RM: Não. Esta pandemia veio mostrar o seguinte: os cidadãos, quando olham para o Estado, olham para a

proximidade como uma vantagem que têm ao seu dispor. Algumas forças políticas têm questionado se a Câmara devia pagar estas coisas. O senhor vereador do PSD diz-me: «Mas a Câmara...». Não quer dizer que ele ache mal, mas diz «Quem devia pagar era o Estado». E eu respondo: «Pois, mas não pagando o Estado alguém tem de pagar».

#### RFP: E em tempo de guerra não se limpam armas.

RM: Não é só a Câmara do Porto. Eu acho que o poder autárquico em Portugal tem demonstrado mais uma vez o valor da proximidade, de nós conhecermos as pedras da calçada. O Estado vê de cima, vê um bocado como o milhafre lá em cima, olha para nós e vê com o Google Maps. Nós estamos em contacto com a população, conhecemos a rua. Nós temos de responder àquilo que é o fracasso da observação do Estado, porque estamos mais próximos. E percebemos que, às vezes, a única coisa que falta na rua é um paralelo e temos de o pôr lá.

### RFP: Não tem preconceitos em financiar respostas em saúde?

RM: Não.

### **RFP:** Não devemos perder tempo a discutir quem deve pagar?

RM: Não é tempo disso. Um dia faremos contas, se quiserem. Mas para o cidadão comum, o cidadão que paga impostos, espera que o Estado responda. Todos somos extorquidos por impostos, todos nós pagamos, é um bocado irrelevante para nós saber se aquele imposto vai para a câmara, a junta de freguesia ou um ministério. Temos de ser capazes de corresponder àquilo que são, neste momento, as necessidades absolutas e imperiosas. E como o país é muito diferente, porque o Porto é muito diferente de Lisboa, e ainda mais de uma pequena vila do Interior, cada executivo municipal, cada junta de freguesia, percebe melhor quais são as necessidades. Se consegue, apesar de tudo, gerar receitas, mais vale pôr nisto do que noutra coisa qualquer.



RFP: Do que fazer mais uma rotunda, não é? RM: Exacto.

RFP: Foi o primeiro autarca a fazer um protocolo com as farmácias para a vacinação da gripe. Porquê? RM: As farmácias têm hoje todas as capacidades, não só para disponibilizar a vacina, mas também para aplicar a vacina. Ora, se hoje os centros de saúde estão claramente sobrecarregados, porque sofrem uma enorme procura por outras razões, se os profissionais dos centros de saúde estão hoje debaixo de um enorme stress, por que não havemos de utilizar as farmácias para fazerem aquilo que sabem fazer muito bem? Para além disso, as farmácias têm o factor proximidade. As pessoas que mais precisam de fazer a vacina da gripe são pessoas com 65 anos ou mais, que não nos interessa que andem a circular pela cidade, nem a fazer grandes distâncias. Também não nos interessa que vão para um centro de saúde, onde estão sentadas à espera de fazer uma vacina, com alguém suspeito de ter COVID-19 ao lado. Com as farmácias, chegamos à malha fina. E estamos a fazer outra coisa. Portugal pré-encomendou 6 milhões e meio de doses de vacinas contra a COVID-19. Bem, vamos precisar das farmácias para aplicar essas, não tenhamos dúvida nenhuma. Se conseguirmos mobilizar as farmácias de proximidade para a vacinação da gripe sazonal, as farmácias vão ficar municiadas, para quando chegar a vacina da COVID-19 também nos ajudarem nessa missão. Para aplicarmos seis milhões e meio de vacinas em hospitais, que vão estar sobrecarregados com os doentes que têm COVID-19, e nos centros de saúde que estão hoje em ruptura, vamos ter as vacinas e não vamos ter condições de as aplicar. É uma questão óbvia de logística, se assim quiser.

### RFP: Acha que na governação da Saúde essa relação entre o público e o privado tem funcionado bem e vai funcionar dessa forma que acabou de preconizar?

RM: Temo que aqui e ali haja uma versão ideológica quanto à forma de combater a pandemia. Sou um grande defensor da Saúde Pública. Trato-me há muitos anos num hospital público, apesar de ter possibilidade de o fazer em hospitais privados. Trato-me no IPO do Porto, há muito anos. Sou um utilizador, um consumidor do SNS. A estrutura do SNS tem de ser baseada no público. Mas, como tudo na vida, deve ter complementaridades. E não deve criar uma fronteira ideológica entre o SNS e aquilo que é privado. Esta era uma altura que podíamos ter antecipado esta colaboração de uma forma mais activa. Não o fizemos por uma razão pura e simplesmente ideológica, e isso é lamentável. É lamentável.



Como seria lamentável se hoje viesse um governo de extrema-direita, que acreditasse que a saúde devia ser toda privada, e subitamente dissesse: «Isto só pode ser tratado no privado. Não podemos utilizar os hospitais públicos para a COVID-19». Poderia acontecer, mas seria ridículo. Nestas alturas nós precisamos de tudo. É um bocado como quando há uma guerra. Temos de ser capazes de pegar em todos os recursos, sem acharmos que este menino é da história azul e aquele menino é da história vermelha. Porque, se assim for, estamos a criar fracturas na sociedade. E, acima de tudo, estamos a desperdiçar recursos.

RFP: Conhece um protocolo que a Câmara de Águeda fez, em que comparticipa a preparação individualizada da medicação a doentes crónicos e a idosos, nas farmácias, para que eles não andem a trocar os medicamentos todos os dias?

**RM:** Não conheço, mas acho magnífico, porque vejo a minha mãe. De vez em quando, é um problema. Quando vou a casa dela, percebo que a racionalidade das doses tem de ser bem gerida.

RFP: E sabia que ainda antes da pandemia foi lançado um projecto-piloto aqui no Hospital de São João, do Porto, de colaboração com as farmácias comunitárias...

RM: Sabia.

RFP: ...para evitar que doentes de Castro Laboreiro, e de mais longe ainda, tenham de vir aos hospitais centrais do Porto só para levantar medicamentos?

**RM:** O que é uma coisa escandalosa! Isso sabia, que vêm pessoas que fazem, muitas vezes, quatro, cinco horas de viagem, apenas pela necessidade de fármacos. Sabia.

RFP: Que explicação encontra para isso, se o país tem uma rede de farmácias bem distribuída pelo território?

**RM:** Olhe, eu sou de um tempo em que as farmácias prestavam cuidados de saúde primários, nas aldeias principalmente.



### RFP: À falta de alternativas, faziam um pouco de tudo.

RM: Exactamente. Quando não havia centros de saúde espalhados pelo país, os farmacêuticos tinham um papel muito importante, de aconselhamento, de acompanhamento. E isso era feito de uma forma proactiva. Essa ligação rompeu-se. Rompeu-se por razões, se calhar, de índole política, por várias razões históricas que não nos cabe aqui apreciar. Acho que este era o momento de voltar a recuperar essa função que as farmácias têm. E é pena não ser feito. Eu acho que todos os portugueses sabem que, quando precisam de um aconselhamento, vão a uma farmácia, se não há um determinado medicamen-

to que lhes foi recomendado, aparece sempre alguém que é capaz de dar um conselho e é capaz de dizer: «Olhe, espere, vá ao médico». Isto é um bocado como andarmos no arame de um circo: é muito importante ter redes. E as farmácias sempre funcionaram, são uma rede milenar. A nossa herança tem muito a ver com a presença árabe – e já na altura havia farmácias. As farmácias sempre tiveram estes



papéis. As farmácias são mais antigas quase do que os médicos. Era muito importante compreender este papel social que as farmácias têm e julgo que muitas vezes não tem sido entendido. Aliás, quem tiver dúvidas, vem aqui ao Museu da Farmácia do Porto e percebe de onde é que isto vem, que isto não é de agora, que não foi uma coisa do século XX. Era importante que as pessoas visitassem.



## «COSTA É MAIS ESTRATEGA, RIO MAIS TÁCTICO»

Rui Moreira diz que PS e PSD se comportam «como irmãos siameses», abrindo espaço «às franjas para tomar conta disto».

RFP: Na primeira entrevista depois de ser eleito presidente da Câmara do Porto, em 2013, que concedeu à SIC, disse: «Acho que o dr. António Costa e o dr. Rui Rio têm sido exemplares». Hoje continuaria a dizer o mesmo?

RM: Não sei em que contexto eu disse isso.

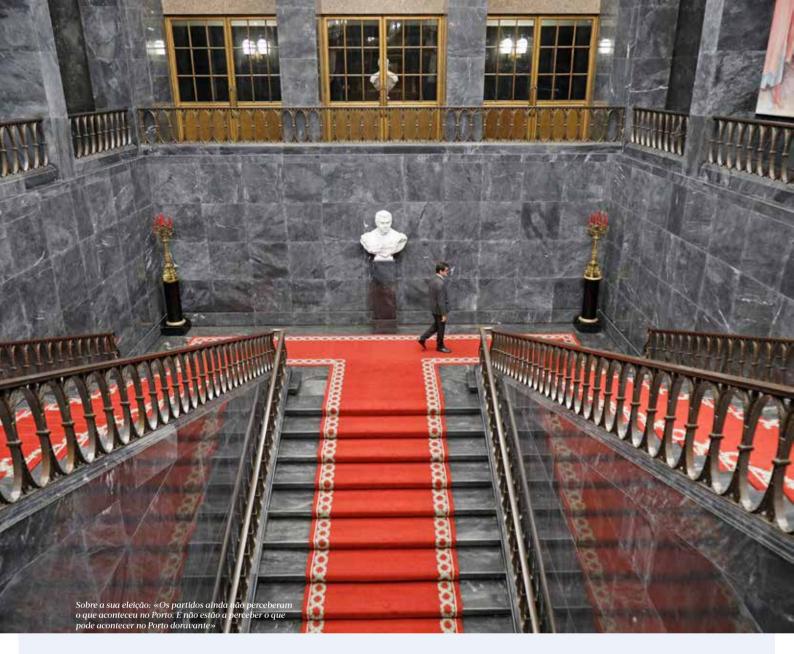
RFP: Deixe-me ajudá-lo. Um de cada vez: «O dr. António Costa, acompanhei a actividade dele no Ministério da Justiça, no MAI, na câmara, tem sido um político em que muitos de nós se inspiram». Continua a inspirar-se nele, depois de conhecer estes anos de Governo?

RM: Continuo a achar que o dr. António Costa tem, independentemente de não concordar com algumas das opções que ele fez, algumas delas por necessidade até de sobrevivência política – mas a política também é isso, é saber navegar em todos os mares – continuo a achar que o dr. António Costa, ao contrário do que dizem, tem uma visão, não táctica, mas mais estratégica para o país. Em muitos aspectos, acho que tem governado bem. Se me perguntar se tem sido capaz de fazer as transformações estruturais de que o país porventura necessitaria, não, não tem sido capaz. Julgo também que essa possibilidade não lhe tem sido dada. E não sei se ele as queria fazer. Portanto, tem sido um bom gestor do país.

RFP: E o dr. Rui Rio, pode ser uma boa alternativa? Disse nessa entrevista, quando o substituiu na presidência da câmara, que ele tinha «provado ser possível governar uma cidade contra os lóbis». Acha que como primeiro-ministro poderia fazer a mesma coisa?

**RM:** Não sei se o dr. Rui Rio vai chegar a primeiro-ministro.

Acho que o dr. Rui Rio é provavelmente mais táctico do que o dr. António Costa. Acho que o dr. António Costa é mais estratega do que o dr. Rui Rio. Curiosamente, é o contrário do que as pessoas pensam. O dr. Rui Rio tem, ainda assim, uma coisa que eu aprecio: acho que é uma pessoa muito persistente. Tem tentado mudar um partido, que, de facto, nunca teve uma ideologia. O PSD, desde Sá Carneiro, portanto, desde que é PSD, nunca teve uma ideologia. Foi sempre mais um instrumento de poder do que propriamente um partido com ideologia. Acho que o dr. Rui Rio tem uma visão ideológica e quer levar o PSD atrás dessa sua visão ideológica. O que me parece é que é tão próxima da visão ideológica que o dr. António Costa tem, que às vezes a criação de irmãos siameses para governar um país acaba por não funcionar muito bem. E nós depois compreendemos isso quando, por exemplo, fazem leis que praticamente me impedem de voltar a concorrer como independente à Câmara do Porto. A tentativa de funcionarem como irmãos siameses, numa proximidade ideológica, a meu ver excessiva, e às vezes obsessiva, em que se percebe que as querelas entre eles têm mais a ver com aspectos mais tácticos do que estratégicos, retira ao país capacidade de mudança. Ao mesmo tempo, fortalece aquilo que são as margens e as franjas do sistema. Franjas do sistema que, naturalmente, vão crescer, ou seja, é um bocado aquela ideia da fortaleza: "Nós os dois, dois partidos muito próximos, cada vez mais próximos ideologicamente, governamos isto desde 1975. Mais vale fecharmos e não mudarmos. Termos umas querelazinhas, mas no fundamental ficarmos ligados. porque ao fim e ao cabo garantimos a nossa subsistência". É um bocadinho como o sistema mexicano. Se no México havia um partido, que era o PRI, aqui temos dois partidos. É como o PRI dividido em dois. Não sei quanto tempo isto vai durar. Não sei se é bom durar. O problema é que se não durar, neste momento, o que parece é que vão ser as franjas a tomar conta disto.



RFP: No discurso de tomada de posse disse: «Nós não somos contra os partidos, mas os partidos não têm estado bem». Por aquilo que me acaba de dizer, parece que têm estado pior ainda nestes últimos anos, ou não?

**RM:** Eu acho que os partidos ainda não perceberam o que, na altura, aconteceu no Porto. E acho que os partidos não estão a perceber o que pode acontecer no Porto doravante.

#### RFP: Está a anunciar-me a sua recandidatura?

RM: Não, não é uma candidatura... não tem que ser uma...

### RFP: Quando vai decidir? Quando é que vai anunciar a decisão?

**RM:** Não sei. Quando eu decidir, quando entender que devo comunicar. Mas, gostaria de saber quem são os candidatos dos partidos. Porque, naturalmente, quando uma pessoa pensa em sair, uma das coisas que... Eu não

sou nada de pensar "depois de mim, o dilúvio". Mas gostava, já agora, de saber quem é que são os candidatos. No PSD, se é o dr. Rui Rio, ou se é uma pessoa indicada pelo dr. Rui Rio, quem é. Gostava de saber quem é o candidato do PS. Era útil. Isso seria inspirador para mim. Perceber se os candidatos dos principais partidos me tranquilizam, no sentido de pensar: "eu vou-me embora, mas fica cá, seja um ou outro - espero que não seja um único, mas pode ser, podem-se coligar -, pelo menos que seja alguém em quem uma pessoa diga assim: "eu agora vou para casa tranquilo, porque isto a seguir a mim vai ser mais bem governado do que por mim". Acho que o dr. Rui Rio teve essa preocupação também. Acho que o dr. Rui Rio, na altura, não quis que fosse o dr. Luís Filipe Menezes. Não sei se queria que fosse eu, se calhar também não, mas tinha essa preocupação. Eu também tenho essa preocupação, quero saber quem é que vem atrás de mim, a seguir. É normal, é humano e é razoável. E faz parte da solidariedade que um presidente da Câmara tem que ter

com a população. Já não é a população com o presidente da Câmara.

RFP: Quando cá estiveram os reis de Espanha, dirigiu-se ao Presidente Marcelo e agradeceu-lhe «o facto de ter sido capaz de abraçar todo o país com uma postura de proximidade». Mantém essa opinião?

RM: Mantenho.

RFP: Seria capaz de o apoiar, como fez com Mário Soares no passado, na recandidatura?

**RM:** Eu acho que o Presidente Marcelo não precisa que eu o apoie.

RFP: A Câmara de Lisboa, numa só eleição, já deu dois presidentes da República, quer o que ganhou quer o que perdeu, e já deu um primeiro-ministro. Quando é que a câmara do Porto poderá dar um cargo desses? Qual dos dois é que acha?

**RM:** Um primeiro-ministro? O senhor acaba de dizer que o dr. Rui Rio é candidato a primeiro-ministro, pode dar.

RFP: Candidato.

**RM:** Mas pode dar.

RFP: Acha que este cargo está mais talhado para fazer um presidente da República ou um primeiro-ministro?

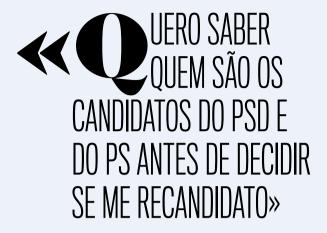
**RM:** No meu caso, nem uma coisa nem outra. Eu acho que quem é presidente da Câmara do Porto deve olhar para a presidência da Câmara do Porto como o patamar que deve querer atingir. E deve ser o máximo patamar, mais nenhum.

#### RFP: A cadeira de sonho?

**RM:** Eu não gosto muito da cadeira de sonho. A cadeira de sonho já correu mal a alguns, portanto não gosto, não gosto muito da expressão.

RFP: A sua irmã dizia que quando era novo não podia ver um cão ou um gato na rua que o levava para casa. Isso quer dizer que compreende esta legislação que proibiu o abate de animais?

**RM:** Eu acho estranho que se discuta a eutanásia entre os humanos e se proíba a eutanásia aos animais. Cada um de nós pode e deve gostar dos animais. Eu sempre tive essa característica e continuo a ter. Tenho em minha casa dois coelhos que salvei, porque no outro dia fui a



um mercado, vi os dois coelhos, fui comprá-los e soltei--os no meu jardim, porque eles iam para tacho, e assim não estão no tacho. E os meus netos adoram os coelhos, continuam a ser assim. Dito isto, nós não podemos confundir as pessoas com os animais. São coisas diferentes. E o animalismo com que nós hoje vivemos preocupa-me muito. E preocupa-me esta ideia da esterilização maciça dos animais. Porque, vamos lá ver, se entendemos que os animais têm os mesmos direitos que os humanos, eu ainda não encontrei nenhum animal que me dissesse que queria ser esterilizado. Há aqui alguma coisa de estranho no animalismo e na forma como os animais têm vindo a ser tratados. Eu acho que hoje temos um excesso de animais domésticos. Acho que é um egoísmo, que tem muito a ver com a solidão na nossa sociedade, mas isso levava-nos a grandes discussões. Com todo o respeito pelos animais, não posso olhar para a minha avó e para a minha cadela da mesma forma. Já não tenho avó, mas tenho mãe. Não olho da mesma maneira. Faz-me muita impressão que, de vez em quando, pareça que os valores estejam invertidos.

RFP: Quando estava na Comissão Municipal de Toponímia votou, vencido, para dar o nome de uma das ruas do Porto a Gisberta, uma transsexual que morreu às mãos de um grupo de rapazes, apesar de os tribunais não terem conseguido condenar ninguém. O que é que quis significar com esse voto?

**RM:** Essa proposta foi subscrita por mim e pelo professor Hélder Pacheco. É curioso falar nisso, há quatro dias ele esteve aqui no meu gabinete e voltou a fazer essa proposta e a Comissão Municipal de Toponímia voltou a recusar. Acima de tudo, era um sinal de tolerância. Ou seja, provocar as pessoas para perceberem que uma pessoa pelo facto de ser transexual não merece ser assassinada, e ela foi assassinada por causa disso. Parecia-me que era um

sintoma de tolerância da cidade, que muitas vezes atribuiu ruas da cidade a coisas que a gente não compreende muito bem, que não têm muita importância. Era a tolerância, o princípio. Para, sempre que lá passássemos, nos confrontarmos com uma história terrível de intolerância, que foi transmitida para miúdos que provavelmente por causa dessa intolerância mataram um transsexual que não lhes fez mal nenhum. Que não lhes fez mal nenhum.

Apanharam-no e mataram-no. Mataram essa pessoa. De vez em quando nós devemos ser capazes de colocar na nossa memória essa história. Não tem a ver com a culpa, tem a ver com responsabilidade.

RFP: De que lado é que está no debate, muito polarizado, como quase tudo nestes dias em Portugal, sobre a disciplina de Educação Cívica?





RM: Acho que é um debate que está de tal maneira polarizado em questões ideológicas que me incomoda muito que a coisa seja discutida dessa forma. Quando eu andava no liceu havia uma disciplina parecida, que se chamava Organização Política e Administrativa da Nação. Também ela tinha um determinado conteúdo ideológico. Eu diria que, desde que os professores sejam bons, acho que tudo pode ser ensinado.

RFP: Aos 17 anos, em pleno PREC, criou a União dos Estudantes Democratas Independentes no liceu público, que pretendia ser uma terceira via entre uma posição mais de...

RM: E ganhámos as eleições.

RFP: Não acha que essa é uma guerra perdida, que hoje na sociedade portuguesa o que está a dar são posições hiper-extremadas?

**RM:** Acho que não. A nossa candidatura, em duas eleições sucessivas, ganhou no Porto. Se quiser, nós não somos mais do que a União dos Estudantes Democratas Independentes, transposta para 50 anos mais tarde, para um palco diferente.

### **RFP:** E acha que essa terceira via continua a ter futuro em Portugal?

**RM:** Tenho a certeza, não apenas em Portugal. Tenho a certeza absoluta.

### RFP: E não deixará de combater por ela?

**RM:** E não deixarei de combater por ela. Quer dizer, "combater", vamos lá a ver, estamos numa fase, até com as eleições nos Estados Unidos e tudo o mais, temos de ter muito cuidado com essa expressão. Não deixarei de pugnar por ela. Eu não combato. Na esfera pública, devemos pugnar e não combater.

### RFP: Mas está disponível? Como pedia o Sócrates - o dos livros do Platão - as almas que sabem qual é o caminho têm o dever de se disponibilizar para a governação. Continuará disponível ou não?

RM: Não é para a governação. Você está a querer apanhar-me como uma citação que eu conheço e não é bem essa. O que nós não podemos deixar é a cidadania, no fundo é isso. No espaço da ágora não podemos abandonar a cidadania. E no espaço da ágora não abandonarei a cidadania enquanto estiver lúcido. Mas é diferente, é cidadania.

### RFP: Escreve segundo a antiga ortografia. Porquê?

**RM:** Porque acho que a nova ortografia é um molho de brócolos. É uma coisa a que ninguém aderiu. Acho que é uma vergonha. O professor Adriano Moreira agora tem escrito umas coisas sobre isso, vale a pena ler aquele que é talvez o melhor pensador português neste momento, que é o Prof. Adriano Moreira, e perceber que ninguém aderiu àquilo. Mas ainda bem que há diferenças. A minha avó escreveu toda a vida de acordo com a ortografia



antiga, escrevia "pharmacia", com "ph". Eu quero continuar a escrever óptimo com "p". E não consigo escrever acta, a acta de uma reunião de câmara, como quem "ata" os sapatos. Acho que isto foi tudo uma tolice. Nós não percebemos que os brasileiros falarão sempre o português do Brasil e entenderão sempre o nosso português escrito. E nós falaremos o português de Portugal e entenderemos sempre o português do Brasil, falado e escrito. O nosso grande desígnio devia ser que os brasileiros entendessem o nosso português falado. Competia ao Instituto Camões ter feito isso. Podia-se ter feito através da música, das telenovelas. Qualquer um de nós chega ao Brasil, não digo tanto em São Paulo ou no Rio de Janeiro, mas vai para o sertão profundo, e se falar como nós estamos a falar agora aqui, eles não entendem uma palavra. Essa devia ter sido a nossa missão, fazer com que o português fosse uma língua de geometria variável, mas em que nós nos entendêssemos. Porque a língua, acima de tudo, é da fala, é do som. Aquilo que nós quisemos fazer foi uma coisa que, no fundo, ninguém cumpre. Eu continuarei a incumprir.



www.revistasauda.pt

«Tenho muito receio quando há bazucas»

**VEJA TAMBÉM OS VÍDEOS** 



o bairro da Ribeira Grande, no mesmo prédio onde viveu a avó de Cristiano Ronaldo, mora Oriana Spínola, mãe da pequena Luana. Tem nome de fada, é bailarina de profissão. O corpo esguio não acusa o parto recente. Também a gravidez passou despercebida. Oriana tem 21 anos, só descobriu que estava grávida aos seis meses. Mas ficou contente. Partilha a grande aventura de ser mãe com Jéssica Spínola, a tia de 23 anos que há um ano deu à luz a primeira filha, Emily Matilde. Moram porta com porta. No hall do

rés-do-chão do prédio da freguesia de Santo António, Emily ensaia os primeiros passos, Luana aninha-se no colo da mãe. As duas jovens riem e brincam com as bebés.

Foi Maria José, mãe de Oriana, quem primeiro soube do Kit Bebé. É um cartão que garante a todas as crianças nascidas na Região Autónoma da Madeira (RAM), desde Janeiro de 2019, acesso gratuito, nas farmácias, a produtos de saúde e bem-estar, medicamentos de uso pediátrico e vacinas não incluídas no Programa Nacional de Vacinação (PNV). No primeiro ano, a iniciativa do Governo Regional, em parceria com a Associação Nacional das Farmácias e a Associação Dignitude, beneficiou 1.779 famílias. Este ano, a meta é ultrapassar as 2.000. Emily Matilde recebeu 400€ em 2019, Luana teve direito a 500€ em 2020. O cartão foi «uma grande ajuda» para Jéssica, garante Maria José. Nem ela nem o pai da menina trabalham. Para Oriana, também vai ser. Na casa onde vive com os pais, os quatro irmãos e a filha, só o pai trabalha, quando aparece trabalho. É pedreiro. O cartão de Emily Matilde durou quase um ano, Jéssica usou-o para comprar leite, o termómetro, a tesoura e outros bens essenciais para a filha. Oriana planeia usar o cartão para as vacinas. «São importantes, mas não sei se vou comprar todas, são caras», desabafa.

# UBSÍDIO À NATALIDADE GARANTE MEDICAMENTOS, VACINAS E PRODUTOS DE BEM-ESTAR





A maioria das famílias que recebe o Kit Bebé utiliza-o para comprar as vacinas aconselhadas pelos médicos e ainda não incluídas no PNV. No primeiro ano de vida são as vacinas contra a meningite B e contra o rotavírus, principal causador de gastroenterites em crianças. Para garantir esta protecção adicional aos seus bebés, cada família tem de desembolsar centenas de euros. Nalguns casos, são os avós que asseguram a despesa, noutros as carências financeiras falam mais alto e os bebés não são vacinados. Até 1 de Outubro de 2020, o PNV não abrangia a vacina contra a meningite B, nem a do rotavírus, agora gratuita para grupos de risco. Na Madeira, o Kit Bebé facilita o acesso a todas as vacinas: em 2020 representaram 54% dos 750 mil euros das comparticipações do programa.

Até agora, o cartão de Madalena só serviu para as vacinas. Tem dez meses, a mãe amamentou-a até aos oito meses e meio, medicamentos «quase não foram precisos». Miguel e Marisa Pires, ele músico, ela recepcionista num hotel, ficaram satisfeitos quando souberam que o cartão era atribuído a todas as pessoas, independentemente dos rendimentos. Teriam feito o esforço de comprar as vacinas, mas têm consciência de que outras famílias podem não conseguir fazê-lo. «É uma ajuda gigante. E quanto menor for o rendimento das famílias mais importante é», diz Miguel.

No lado Norte da ilha, no concelho de São Vicente, o coração da floresta Laurissilva, vive a engenheira civil Ní-

dia Neves. Tem 36 anos, deixou a Madeira para estudar, voltou. Construiu casa num terreno da família, circundada pela montanha verdejante, com uma vista espectacular para o cume encimado pela capelinha de Nossa Senhora de Fátima, o mar ao fundo. Há oito meses foi mãe da pequena Nádia, é aqui que quer ver a filha crescer. Valoriza as raízes, a tranquilidade, a proximidade da família. Também ela usou nas vacinas o apoio do Kit Bebé. «São incentivos que ajudam a fixarmo-nos e termos filhos. Te-







mos boas condições», assegura, e menciona a creche, os transportes públicos e os livros escolares gratuitos.

Ana Paula Jesus concorda que hoje é mais fácil ser mãe na Madeira. «Cruzes, nem há comparação!», garante. Fala por experiência própria. Foi mãe adolescente, aos 34 anos tem cinco filhos. Vivem, com o marido, jardineiro, no bairro de Santo Amaro, um empreendimento de habitação social do município do Funchal. Está a par dos vários apoios a que tem direito, incluindo o de família numerosa. Este, do Kit Bebé, é «mais uma boa ajuda».

A família numerosa de Ana Paula não é a regra na RAM. O índice de fecundidade é o mais baixo do país: uma mulher madeirense tem, em média, 1,15 filhos. Em 2018, a RAM teve a segunda taxa de natalidade mais baixa do país. Pior só mesmo a região Centro. Nasceram 7,6 bebés por cada mil habitantes, a média nacional é de 8,5, como refere o Atlas Estatístico da RAM. A situação só não é mais dramática graças aos bebés venezuelanos que nascem na região.

No serviço de obstetrícia do Hospital Dr. Nélio Mendonça, onde os cartões são entregues às famílias no momento da alta, os progenitores conversam sobre o Kit Bebé. Nos berços dormitam os recém-nascidos: o Henrique, o Vasco, a Madalena. Souberam do programa através de amigos, dos serviços de saúde, das redes sociais ou da comunicação social. Mostram-se contentes com o reforço

CARTÃO LIBERTOU AS PESSOAS DA PRESSÃO FINANCEIRA. TRAZEM AS CRIANÇAS MAIS BEM TRATADAS»

do valor para 500 euros. «É uma boa ajuda», dizem, para as vacinas, fraldas, papas, «o que for preciso».

Depois das vacinas, os produtos mais comprados com o cartão são papas, chupetas, biberões e leites. Também cremes e produtos de higiene. Luís Sampaio, director--técnico da Farmácia dos Dragoeiros, na Ribeira Brava, vê com satisfação que agora os utentes seguem mais facilmente os seus conselhos. Por exemplo, quando sugere um bom creme para tratar uma erupção cutânea do bebé. «As pessoas já não estão sujeitas à pressão financeira, o cartão libertou-as para terem as crianças mais bem tratadas», afirma o farmacêutico. A poupança no valor das vacinas cria disponibilidade para investir na saúde. «O Kit Bebé contribui para a melhoria da qualidade de vida da criança, mas o seu impacto abrange o agregado familiar e a própria comunidade», nota o farmacêutico Pedro Pi-



S MÃES ADEREM MELHOR ÀS RECOMENDAÇÕES DOS FARMACÊUTICOS PARA A SAÚDE DOS BEBÉS

res, director-técnico da centenária Farmácia Portuguesa, mesmo no centro do Funchal.

Érica Oliveira escolhe a Farmácia Moderna, em Câmara de Lobos, para comprar a vacina contra a meningite B para o filho. Esteve emigrada em Inglaterra durante quatro anos, onde trabalhou como bartender. Voltou por saudades da família e da terra que a viu nascer. «Viver aqui é a melhor coisa que a gente pode ter», diz, feliz com a experiência «espectacular» da maternidade e com o

# GORA, SÃO OS PAIS QUE PERGUNTAM: «DOUTOR, FAZEMOS AS VACINAS?»

casamento previsto para o ano. Vive no concelho com a maior taxa de natalidade da RAM. No Norte da ilha ficam os concelhos onde há menos crianças a nascer: Porto Moniz e São Vicente, onde vive Nídia Neves.

Em 2019, houve menos 50 nascimentos. O Kit Bebé, «por si só não promove a natalidade, mas é uma mais-valia, especialmente por causa da vacinação. Contribui para aumentar a protecção dos bebés e prevenir infecções graves», considera o pediatra José Luís Nunes. Orgulha-se de a Madeira ter uma das melhores coberturas vacinais do país, mas recorda-se de os pais se queixarem de que não podiam pagar as vacinas extra-PNV. Agora, já são eles que perguntam. «Doutor, quando é que fazemos as vacinas?».

Só daqui a três a cinco anos será possível perceber se o Kit Bebé conseguiu inverter o declínio na curva de natalidade da RAM. «Agora, sabemos é que as crianças que nasceram em 2019 e 2020 tiveram outro tipo de possibilidades que as crianças que nasceram antes. Esse é um facto positivo», conclui o secretário regional de Saúde, Pedro Ramos.

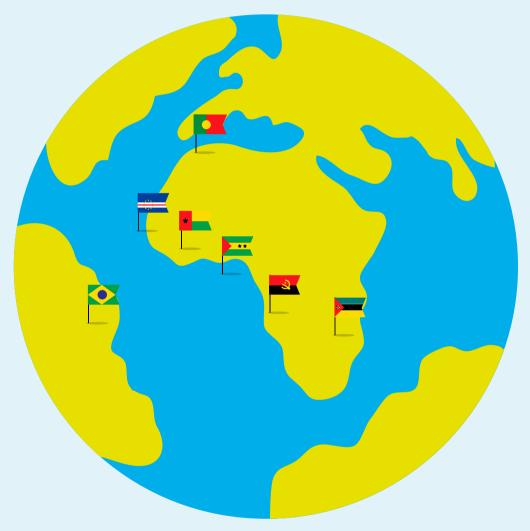




## COMUNIDADE 2.0

TEXTO: PAULO MARTINS

AFPLP dá um salto em frente.



o Plano Estratégico da Associação de Farmacêuticos dos Países de Língua Portuguesa (AFPLP) aprovado em final de Novembro, a palavra «intervenção» surge 29 vezes e a palavra «visibilidade» apenas quatro. A estatística engana: no horizonte temporal de cinco anos que baliza o documento, reforçar a intervenção não é mais importante do que tornar-se mais visível. Na realidade, para habilitar os farmacêuticos lusófonos a envolverem-se de forma mais activa no desenvolvimento dos sistemas de saúde dos respec-

tivos países, as duas dimensões afiguram-se essenciais. Uma não vive sem a outra.

A pretensão de assegurar o reconhecimento da AFPLP pela comunidade internacional pressupõe actuar em várias frentes. Ao reforço da presença institucional junto de entidades como a Organização Mundial da Saúde (OMS) e a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), da qual quer passar a ser membro--observador, deseja acrescentar uma relação mais próxima com a Federação Internacional Farmacêutica (FIP).

No XIV Congresso Mundial dos Farmacêuticos de Língua Portuguesa, realizado online, a AFPLP e a FIP assinaram um memorando de entendimento que consagra a colaboração nos domínios da formação pós-graduada e do apoio técnico regulamentar e científico.

A formação constitui uma das peças-chave para reforçar a relevância da profissão farmacêutica. Ao nível da pós-graduada, a aposta consiste na realização de webinars e módulos de actualização técnico-científica, bem como na retoma do programa de estágios, em articulação com universidades. Porém, interessada em colaborar na revisão dos planos curriculares, a AFPLP também se propõe, segundo o Plano Estratégico, elaborar «um documento de orientação para harmonização do tronco comum de formação farmacêutica pré-graduada».

A actual situação de pandemia, que não escolhe território nem cor, é interpretada como o momento certo para adquirir uma nova dinâmica. O plano sustenta mesmo que a COVID-19 oferece uma «oportunidade ímpar» – que, porém, só pode ser aproveitada se a organização for capaz de se reajustar. Mudando a estrutura orgânica e introduzindo novos instrumentos de gestão.

Eleito presidente em Outubro de 2019, para um mandato de dois anos, Helder Mota Filipe assegura que o debate desde então travado no seio do Conselho Directivo, onde estão representados todos os membros, permitiu «dar à AFPLP um rumo consensualizado, com horizonte de cinco anos». A perspectiva de médio prazo não é obra da presidência, actualmente em mãos portuguesas, mas de toda a equipa. «Estamos sintonizados, em ambiente de colaboração e verdadeira igualdade», afiança, certo de que esse espírito se mantém intacto desde a fundação da AFPLP, em 1993 [ler texto nestas páginas].

Mota Filipe recusa a ideia de virar de página, uma vez que não há corte com o passado, mas evolução, tendente a «tornar a AFPLP mais forte, mais estruturada e mais preparada para enfrentar os desafios da formação farmacêutica nos próximos tempos». A definição dos contornos da «formação nuclear» do farmacêutico lusófono é um dos mais arrojados propósitos. À medida da ambição de que se institua como «instrumento de referência não apenas da academia, mas também das ordens e associações de cada país».

Do que fala Mota Filipe, quando alude ao carácter histórico de que se reveste a resolução agora aprovada? Desde logo, da introdução de uma estrutura profissionalizada, assente na criação da função de director-executivo e de um Comité Operacional, liderado pelo presidente, cuja missão se concentra na preparação de planos de actividades.





«Alguém muito preparado e conhecedor da realidade da Farmácia no espaço lusófono». É nestes termos que descreve a escolha da farmacêutica cabo-verdiana Carla Djamila Reis para directora-executiva. Formada em Portugal – licenciatura, mestrado e doutoramento na Fa-

culdade de Farmácia da Universidade de Lisboa - já conhece os cantos à casa. Entre outras funções, foi vogal do Conselho de Administração da AFPLP (2005-2007) e do Conselho Fiscal (2008-2013). Contudo, é o seu envolvimento na regulamentação de medicamentos, a área do seu mestrado, que representa uma mais-valia. Fez parte do primeiro Conselho de Administração da Agência de Regulação e Supervisão de Produtos Farmacêuticos e Alimentares de Cabo Verde (2005-2012) e liderou o organismo de 2012 a 2019.

Carla Djamila Reis resume numa palavra o desafio que lhe foi feito: «dinamizar». Encarregada da planificação estratégica, assume que só numa perspectiva profissional é possível «responder ao potencial da AFPLP». Convicta de que «não há corte, mas continuidade, numa lógica de construção», admite que o seu trabalho consiste em contribuir para uma nova fase: «Deixar de ser uma associação que se preocupa só com resoluções de dois em dois anos e no interregno pouco acontece».

O principal objectivo é garantir que a organização seja «útil para os farmacêuticos, considerando que trabalham para as pessoas em cada um dos países». Face à diversidade de realidades, a directora-executiva convoca a necessidade de adequar estratégias: através de um denominador comum - a formação nuclear de um farmacêutico no espaço lusófono, sem ir contra as formações já estabelecidas - ou fazendo depender o caminho a seguir de uma prévia identificação de carências.

Para concretizar tais projectos, o grande desafio reside na captação de recursos financeiros, condição de sustentabilidade. Como presidente do Conselho para a Cooperação da Ordem dos Farmacêuticos, Mota Filipe conhece o potencial das sinergias, mas valoriza a aquisição de personalidade jurídica pela AFPLP, indispensável para concorrer a projectos de financiamento, por exemplo da União Europeia e da OMS.

FPLP QUER SER «ÚTIL AOS FARMACÊUTICOS, QUE NOS SEUS PAÍSES TRABALHAM PARA AS PESSOAS»



### A ABRIR CAMINHOS

ascida Associação Internacional de Farmacêuticos de Língua Oficial Portuguesa, em Junho de 1993, a actual AFPLP - designação adoptada três anos depois - é uma plataforma de profissionais de Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal e São Tomé e Príncipe. Desde então "a abrir caminhos", o título escolhido para o livro evocativo do 25.º aniversário da organização, inscrevem-se na sua história momentos tão significativos como o contributo dado para o primeiro curso de Ciências Farmacêuticas na África lusófona, aberto em 1997 no Instituto Superior de Ciências e Tecnologias de Moçambique, a primeira Carta de Farmácia e dos Farmacêuticos de Língua Portuguesa, aprovada em 1997, ou o Código Deontológico Farmacêutico, que a partir de 1999 serviu de orientação às associações profissionais dos países lusófonos.

Comunidade de farmacêuticos unidos pela língua e pelo património histórico comuns, a AFPLP guia-se por um princípio de representação paritária entre as nações que proporciona a partilha de conhecimentos e experiências. «Somos todos feitos da mesma massa», afirmou João Silveira na citada obra. Em 2018, no congresso comemorativo, o farmacêutico português, de quem partiu a ideia de lançar a organização, cujo núcleo fundador integrou e a que presidiu, fez questão de sublinhar as virtualidades de uma história de consensos: «Nunca necessitámos de discutir votos».

### AFPLP EM NÚMEROS



309.855.557

POPULAÇÃO



219.550

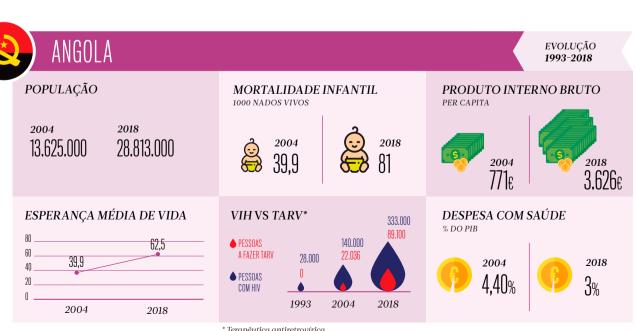
N.º DE FARMACÊUTICOS



93.339

N.º DE FARMÁCIAS

			FARMACÊUTICOS	TÉCNICOS DE FARMÁCIA	FARMÁCIAS	FARMÁCIAS HOSPITALARES
<b>3</b>	ANGOLA	2004	61	350	80	50
		2018	637	1.228	1.230	204
	BRASIL	2004	74.696	N.A.	57.441	5.080
		2018	203.301	N.A.	78.489	6.221
	CABO VERDE	2004	21	66	16	2
		2018	109	110	40	6
	GUINÉ-BISSAU	2004	14	21	18	9
		2018	17	85	240	20
*	MOÇAMBIQUE	2004	37	224	187	17
		2018	582	3.113	825	1.600
•	PORTUGAL	2004	9.750	5.929	2.700	217
		2018	14.841	8.027	2.922	255
**	SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE	2004	2	17	-	-
		2018	3	60	65	2



<sup>\*</sup> Terapêutica antiretrovírica



### BRASIL

EVOLUÇÃO 1993-2018

POPULAÇÃO

2004

2018

207,660,000 178.470.000

MORTALIDADE INFANTIL



2004

2018 12.7

900.000

PRODUTO INTERNO BRUTO



2004 2.737€

2018 7.563€

ESPERANÇA MÉDIA DE VIDA



VIHVS TARV\*



592.815 530,000 230.000 147.5000 0 1993 2004 2018

DESPESA COM SAÚDE

% DO PIB



2004 7.6%



2018 9,90%

### CABO VERDE

POPULAÇÃO

1993 2004 463,000 369.00

2018 537,000 MORTALIDADE INFANTIL

1000 NADOS VIVOS



2004



2018 15,4 PRODUTO INTERNO BRUTO

PER CAPITA



2004 1.406€

EVOLUÇÃO 1993-2018

> 2018 2.830€

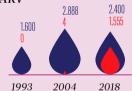
ESPERANÇA MÉDIA DE VIDA



VIH VS TARV\*

♠ PESSOAS A FAZER TARV

**♦** PESSOAS COM HIV



DESPESA COM SAÚDE

% DO PIR

856€



2004 3,7%



2018 13,4%

### GUINÉ-BISSAU

EVOLUÇÃO 1993-2018

POPULAÇÃO

1993 2004 2017 1.388.000 1.493.000 1.792.000 MORTALIDADE INFANTIL 1000 NADOS VIVOS



124



39.9

2018

PRODUTO INTERNO BRUTO PER CAPITA



1993 169€

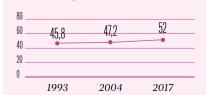


2004 180€



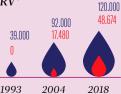
2017 703€

ESPERANÇA MÉDIA DE VIDA



VIH VS TARV\*





DESPESA COM SAÚDE % DO PIB



1993 4.40%



### MOÇAMBIQUE

EVOLUÇÃO 1993-2018

POPULAÇÃO

2004 1993 2018 14.640.000 18.863.000 28.830.000 MORTALIDADE INFANTIL



145





66

PRODUTO INTERNO BRUTO PER CAPITA



139€



196€



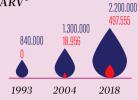
2018

ESPERANÇA MÉDIA DE VIDA



VIH VS TARV\*





DESPESA COM SAÚDE

% DO PIB









EVOLUÇÃO 1993-2018



2018 7.8%

### PORTUGAL

POPULAÇÃO

2004 1993 2018 10.325,000 9.965.000 10.407.000

MORTALIDADE INFANTIL 1000 NADOS VIVOS









PRODUTO INTERNO BRUTO PER CAPITA

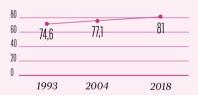






19.250€

ESPERANÇA MÉDIA DE VIDA



VIH VS TARV\*



1993

8.8



DESPESA COM SAÚDE

% DO PIB









9,5%

### SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE

POPULAÇÃO

1993 121.000

2018 204.000 MORTALIDADE INFANTIL 1000 NADOS VIVOS



61

2004 59.1



2018 34

PRODUTO INTERNO BRUTO PER CAPITA



2004 420€



EVOLUÇÃO 1993-2018

ESPERANÇA MÉDIA DE VIDA

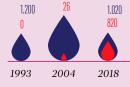
2004

161.000





VIH VS TARV\*



2.200

DESPESA COM SAÚDE % DO PIB



2004 2,30%



2018 7,45%



### Museu da Farmácia celebra Agatha Christie

O Museu da Farmácia promove visitas temáticas evocativas dos livros de Agatha Christie, inspiradas por peças das colecções egípcia e mesopotâmica. A mulher que revolucionou o género policial foi enfermeira na Cruz Vermelha e auxiliar de farmácia, sendo os profissionais de saúde presença assídua na sua obra. O seu primeiro livro, que apresentou ao mundo o inspector Hercule Poirot, foi publicado há cem anos.

15 DE SETEMBRO, LISBOA F PORTO



### Ateliê explica vírus às crianças

"Brigada Antivírus" é o nome do novo ateliê da Vila Saúda, serviço educativo do Museu da Farmácia. As crianças aprendem como os vírus se transmitem, formas de evitar a contaminação e as razões pelas quais devem cobrir a boca e o nariz quando espirram ou tossem. No final da sessão, fazem de farmacêuticos e fabricam o seu próprio álcool gel, que levam para casa.

26 DE SETEMBRO, LISBOA E PORTO



### 616 km contra o cancro

O farmacêutico viseense Carlos Ferreira concluiu hoje uma longa caminhada solidária que iniciou no dia 12 em Rio de Onor, concelho de Bragança. O objectivo foi sensibilizar a sociedade para a actividade da Acreditar – Associação de Pais e Amigos de Crianças com Cancro. O farmacêutico deu o exemplo doando um euro por cada um dos 616 quilómetros que percorreu.

27 DE SETEMBRO, FARO



### Português representa estudantes de 92 países

João Guedes, estudante do 5.º ano do Mestrado Integrado em Ciências Farmacêuticas da Faculdade de Farmácia da Universidade do Porto, tomou hoje posse como presidente da Federação Internacional de Estudantes de Farmácia (IPSF) para 2020/2021. Fundada em 1949, a organização representa meio milhão de estudantes e recém-licenciados de todo o mundo, sendo parceira da UNESCO e da OMS. A eleição ocorreu durante a 66.º Assembleia Geral da IPSF, realizada em Agosto.

1 DE OUTUBRO, HAIA - HOLANDA





#### Genéricos poupam €362 milhões

Foi lançado um contador online que permite aos cidadãos consultar, em tempo real, o valor da contribuição dos genéricos para a economia nacional. Até hoje, os medicamentos genéricos dispensados nas farmácias comunitárias este ano pouparam ao Estado e às famílias 362 milhões de euros. A criação do contador é uma iniciativa da ANF e da Associação Portuguesa de Medicamentos Genéricos e Biossimilares.

14 DF OUTUBRO



#### Prémio Almofariz para os bastonários

A bastonária da Ordem dos Farmacêuticos, Ana Paula Martins, e o bastonário da Ordem dos Médicos, Miguel Guimarães, foram eleitos Figura do Ano da 26.ª edição dos Prémio Almofariz, uma iniciativa da revista Farmácia Distribuição. A "Operação Luz Verde" foi o Projecto do Ano. Em tempo de pandemia, os prémios para a Farmácia do Ano e Farmácia Hospitalar do Ano foram simbolicamente atribuídos a todas as farmácias comunitárias e hospitalares de Portugal.

15 DE OUTUBRO, CASINO ESTORIL



#### CGD reconhece Programa Abem

O Fundo de Emergência Abem COVID-19 venceu o Prémio Caixa Social 2021, promovido pela Caixa Geral de Depósitos, que tem por missão financiar e desenvolver projectos sociais com carácter inovador, orientados para mitigar a pobreza e favorecer a inclusão. Este fundo presta apoio no acesso a medicamentos, produtos e serviços de saúde a cidadãos em vulnerabilidade económica e social provocada pela pandemia.

30 DE OUTUBRO



#### Operação Luz Verde ganha Prémio Saúde Sustentável

A Operação Luz Verde foi distinguida, na categoria "Experiência do Cidadão", com o Prémio Saúde Sustentável, iniciativa do Jornal de Negócios e da Sanofi. Este projecto, implementado na primeira vaga da pandemia, permite a dispensa de medicamentos hospitalares nas farmácias comunitárias ou no domicílio dos doentes.

5 DE NOVEMBRO



#### Protocolo para acesso aos cuidados de saúde

Um acordo entre 70 associações de doentes e as associações representativas de hospitais, indústria, distribuidores e farmácias, visa facilitar o acesso a cuidados de saúde de qualidade em instituições privadas. O protocolo surge da necessidade de «retoma urgente dos cuidados de saúde», nomeadamente a doentes não COVID-19, num momento em que a pandemia põe em causa a resposta do SNS.

11 DE NOVEMBRO, LISBOA



#### Antigo secretário-geral da ANF homenageado

"Dr. João Gaspar Lopes Ribeiro" é o nome atribuído ao Salão Nobre da Clínica de São Cristóvão - Associação de Socorros Mútuos de Empregados no Comércio de Lisboa (CSC-ASMECL). A decisão do Conselho de Administração deveu-se à «sua personalidade notável, que fica na nossa memória». Lopes Ribeiro, de 90 anos, foi presidente da Mesa da Assembleia Geral da ASMECL e secretário-geral da Associação Nacional das Farmácias (ANF) durante mais de duas décadas, sendo actualmente consultor da Direcção.

20 DE NOVEMBRO, LISBOA



#### Estratégia Farmacêutica para a Europa

A Comissão Europeia (CE) adoptou uma estratégia para «garantir que os doentes tenham acesso a medicamentos inovadores e baratos», assim como para «apoiar a competitividade, a capacidade de inovação e a sustentabilidade da indústria farmacêutica europeia». A CE defende que a estratégia permitirá à Europa responder às suas necessidades farmacêuticas, mesmo durante crises, graças à criação de cadeias de abastecimento sólidas.

25 DE NOVEMBRO, BRUXELAS



#### Medalha de Honra para Thebar Miranda

A Ordem dos Farmacêuticos atribuiu a sua Medalha de Honra ao farmacêutico Thebar Miranda, presidente do Grupo Azevedos, pela sua «acção extraordinária nos planos profissional e social, com contributos decisivos para o progresso das Ciências da Saúde e no domínio da cooperação lusófona». A cerimónia ocorreu no Congresso Nacional dos Farmacêuticos 2020, que decorre em paralelo com o XIV Congresso Mundial dos Farmacêuticos de Língua Portuguesa.

27 DE NOVEMBRO, LISBOA



#### Bastonária critica poder político

A bastonária da Ordem dos Farmacêuticos criticou o desaproveitamento dos farmacêuticos por parte do Estado. «Chega de meses de espera por legislação para renovar a receita médica, por um modelo de dispensa em proximidade coerente, que respeite a intervenção farmacêutica na sua dimensão fundamental, a segurança, e que defenda o princípio ético da autonomia e liberdade de escolha da pessoa que vive com a doença», declarou Ana Paula Martins, no discurso de abertura do Congresso Nacional dos Farmacêuticos 2020.

27 DE NOVEMBRO, LISBOA



#### Farmacêutico é director regional da Saúde

O novo Governo Regional dos Açores escolheu o farmacêutico comunitário Berto Cabral para o cargo de director regional da Saúde. «Importa que a escolha recaia em personalidade que apresente competência técnica, aptidão, experiência profissional e formação adequadas», justifica o secretário regional da Saúde, Clélio Meneses, no despacho de nomeação.

30 DE NOVEMBRO, ACORES



#### Farmácias devem vacinar contra a COVID-19

10 DE DEZEMBRO

O presidente do World Pharmacy Council (WPC) aconselha os governos nacionais a incluírem as farmácias comunitárias no planeamento das campanhas de vacinação contra o vírus SARS-CoV-2. «O envolvimento das farmácias vai salvar vidas e acelerar a recuperação económica, ao diminuir o tempo necessário para atingir a cobertura populacional ideal», afirma George Tambassis.



#### Dê troco aos mais afectados pela pandemia

14 DE DEZEMBRO, LINDA-A-VFLHA

Foi hoje lançada a campanha solidária nacional "Dê Troco a Quem Precisa", para recolha de donativos até 22 de Dezembro. Os portugueses são convidados a doar o troco das compras realizadas nas farmácias para apoiar as pessoas mais fragilizadas no acesso a medicamentos, produtos e serviços de saúde devido ao impacto económico da pandemia.



#### Medicamentos veterinários em debate no LEF

15 DE DEZEMBRO

O novo regulamento da União Europeia para os medicamentos veterinários, que entra em vigor em 2022, foi o tema da 4.ª conferência do LEF – Laboratório de Estudos Farmacêuticos, que integra o Grupo ANF. O webinar, que contou com 93 participantes, forneceu recomendações operacionais práticas para a implementação dos novos requisitos, com atenção particular às alterações ao sistema de farmacovigilância.



#### Farmacêuticos fazem testes à COVID-19

16 DF DF7FMBRO

Os farmacêuticos devem participar na segunda fase da estratégia de utilização de testes rápidos de antigénio para o SARS-Cov-2, que alarga a sua realização a todas as unidades de saúde com registo na Entidade Reguladora da Saúde. Uma circular normativa conjunta do Infarmed, da DGS e do INSA afasta dúvidas a esse respeito.

# MUNAF MAIS JUVEN AUS 35

O Montepio Nacional da Farmácia aposta no rejuvenescimento da base de associados.

TEXTO: SANDRA COSTA FOTOGRAFIA: PEDRO LOUREIRO aniel Barreira subscreveu um plano de aposentadoria no MONAF – Montepio Nacional da Farmácia, em Novembro de 2018. O farmacêutico de análises clínicas tinha então 28 anos. Na altura, era dirigente da Associação Portuguesa de Jovens Farmacêuticos (APJF) e aproveitou uma parceria entre as duas organizações para conseguir condições de adesão mais vantajosas. «É importante termos outras fontes de poupança e não ficarmos dependentes da Segurança Social. Há cada vez menos garantias de que, no futuro, haja uma reforma devidamente valorizada para todos os trabalhadores», desabafa o farmacêutico, que viu no MONAF «uma boa aposta».

Antes de avançar, Daniel avaliou as opções e concluiu que «o MONAF tem melhores condições para os associados, os farmacêuticos, face a outros planos do mercado». Foi seduzido pelas taxas de rentabilidade superiores e também pela previsibilidade, com taxas fixas ao longo dos anos. A garantia de poder suspender o pagamento, sem ficar prejudicado em termos de rendibilidade, é outra vantagem. «O MONAF só tem mais-valias», defende o farmacêutico. E justifica: «É uma instituição segura, credível, transparente, auditada e com bastante sustentabilidade. Transmite confiança», diz, lembrando que o MONAF é a segunda maior associação mutualista do país, depois do Montepio Geral. «É um parceiro que deve estar ao lado de todos os farmacêuticos e ajuda a fortalecer o sector».

A visão de Daniel Barreira é aquela que o presidente do MONAF gostaria de encontrar nos jovens da sua geração. Embora saiba que não é comum. «Os jovens vivem muito o dia-a-dia e muitas vezes não pensam no futuro, em como vão viver com as mesmas regalias e rendimento aos 60 ou 70 anos. Importa incutir-lhes uma cultura de poupança», afirma Miguel Silvestre. Nos três anos que leva à frente do Conselho de Administração do MONAF, elegeu como prioridade «chegar aos mais novos».



No ano em que comemora o 35.º aniversário, o MO-NAF aposta no alargamento e rejuvenescimento da base de associados. «Conseguir dar esse salto quantitativo é o principal objectivo do próximo mandato», confirma Miguel Silvestre, reeleito em Dezembro.

O MONAF conta com 3.358 associados, número que tem vindo a aumentar na sequência das estratégias de alargamento da base de associados, como as sessões de sensibilização realizadas nas faculdades de Farmácia e o protocolo assinado com a APJF. «Houve uma boa adesão, que fez equilibrar o número dos mais jovens na associação. É um caminho a manter», nota Daniel Barreira.

Pensado inicialmente como um sistema mutualista para farmacêuticos, em 2015 o modelo passou a abranger familiares e técnicos de farmácia. Em 2017, tornou-se possível às empresas do sector associarem--se ao MONAF, atribuindo planos complementares de reforma aos colaboradores, com benefícios fiscais em sede de IRC. Em 2018, a adesão estendeu-se aos colaboradores de todas as empresas ligadas ao sector farmacêutico, da indústria, à distribuição, farmácias, laboratórios de análises clínicas, etc.

A Farmácia Maria José, em Arões (Fafe), foi a primeira a contratar um plano de fundo de pensões para os colaboradores. Associada desde 1995, Maria José Figueiredo e Cunha decidiu alargar o benefício aos colaboradores e seus familiares. «É um miminho que lhes damos. E para a farmácia há benefícios fiscais», explica a proprietária.

Os planos de aposentadoria são «a força motriz e a razão da existência do MONAF», nas palavras de Miguel Silvestre. São procurados por mais de oito em cada dez associados, mas há também quem adira aos planos de poupança e de capitalização. Maria Cidália Costa Brás está entre os 100 primeiros associados do MONAF. Aderiu ao plano de aposentadoria em 1986. Desde 2013 recebe uma renda vitalícia, que a deixa «satisfeitíssima». Por duas vezes recorreu a empréstimos ao MONAF para investir no desenvolvimento do negócio, «com juros a uma taxa muito mais bonificada que o banco». Da primeira fez obras, da segunda adquiriu um terreno para construção de uma outra farmácia. «Sou a favor de fazermos tudo através do MONAF. Dá-nos garantias e apoio enquanto farmacêuticos». Cidália sempre procurou influenciar os colegas a aderir ao MONAF. Dizia-lhes: «Pensem no futuro. Não sabemos o dia de amanhã e no MONAF o nosso plano de reforma está garantido».



«O MONAF só tem mais-valias», garante o farmacêutico Daniel Barreira



A Farmácia Maria José, de Fafe, foi a primeira a contratar um plano de pensões para os colaboradores



«Sou a favor de fazermos tudo através do MONAF», defende Maria Brás, uma das primeiras associadas



## **«DEVEMOS** TER A CULTURA DO AFORRO»

MIGUEL SILVESTRE, PRESIDENTE DO MONAF

#### Ao fim de 35 anos, continua a ser importante ser associado do MONAF?

Hoje faz mais sentido do que nunca preparar o futuro e pensar em planos de poupança. Vivemos mais e para vivermos com qualidade é preciso garantir as mesmas condições de vida e rendimento da vida activa. Não devemos ficar à espera que o Estado olhe por nós. Devemos antecipar e ter a cultura do aforro. O MONAF é uma resposta cada vez mais abrangente. Além dos farmacêuticos, está disponível para os profissionais de farmácia, familiares e outras instituições ligadas ao sector.

#### Porquê escolher o MONAF?

O MONAF é uma solução mutualista criada dentro do sector para dar confiança e conforto aos farmacêuticos. A principal diferença é a confiança de estarmos entre pares e a possibilidade de os associados terem uma voz activa na associação.

#### Os associados estão satisfeitos?

Sou sócio desde 1992 e vejo, por parte dos associados, uma grande confiança no MONAF. Sabem que temos olhado bem pelas suas poupanças e acreditam que não lhes vamos falhar. O facto de muitos replicarem regularmente os seus planos de poupança no MONAF é sinal de confiança. Temos uma equipa pequena, mas muito dedicada, alguns estão connosco desde o início e são capazes de criar uma relação de confiança com os associados.

#### Como vê o futuro do MONAF?

Nos últimos anos o número de associados tem crescido, inclusive fora do universo exclusivamente farmacêutico. Vamos continuar a trabalhar para alargar e rejuvenescer a base de associados. Temos de ter a arte e o engenho de comunicar melhor esta necessidade, sobretudo junto dos mais jovens. É um trabalho minucioso, que tem de ser desenvolvido cara a cara ao longo do ano.

#### **ASSOCIADOS**

#### **FARMACÊUTICOS**

[independentemente da especialidade]

- + ascendentes\*
- + descendentes\*
- + cônjuges





#### **PROPRIETÁRIOS**

+ TODOS OS COLABORADORES

da farmácia

- + ascendentes\*
- + descendentes\*
- + cônjuges







Rendas vitalícias



Prazos de subscrição ajustáveis ao perfil do associado



A partir de contribuições mínimas\*\*



Sem obrigatoriedade de abertura de conta ou subscrição de outro tipo de planos

<sup>\*</sup> Ascendentes e descendentes em 1.º grau

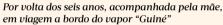
<sup>&</sup>quot;Desde 4,67 euros, tomando como exemplo um Plano I, para 18 anos de idade e 70 anos de aposentadoria

# ODETTE FERREIRA (PARA) SEMPRE

**TEXTO:** PAULO MARTINS E SANDRA COSTA





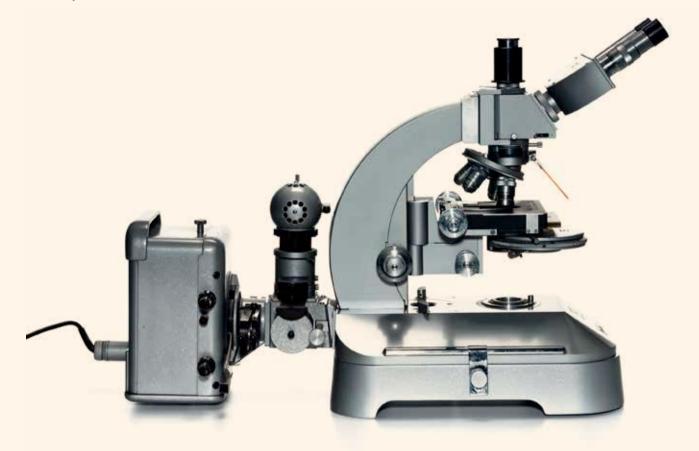




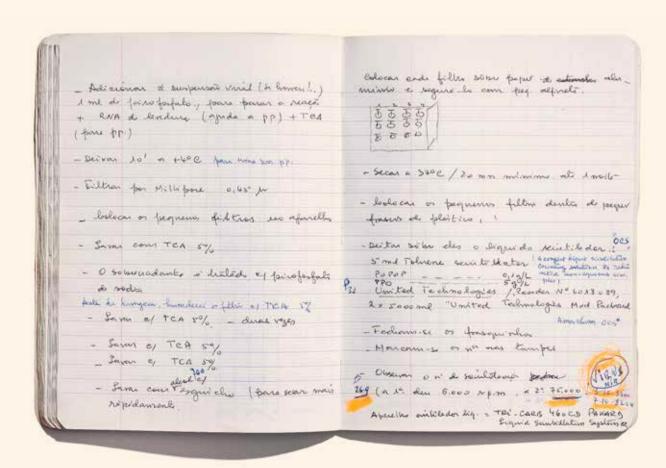
Com o irmão mais novo, Rui, mascarados em época de Carnaval

ma Mulher Imparável", "A descoberta", "Muito para além da Ciência". Mais perfeitos não podiam ser, enquanto síntese de uma vida dedicada à Ciência, os núcleos da nova ala do Museu da Farmácia Lisboa reservada a Odette Ferreira. A cientista portuguesa, a quem o mundo deve a descoberta do vírus VIH/sida de tipo 2, fica assim perpetuada em objectos, como o caderno de apontamentos e o microscópio usados nessa altura, na década de 1980. Legados da intensa vida pública da docente e investigadora que, entre 1992 e 2000, foi coordenadora da Comissão Nacional de Luta Contra a SIDA. A ANF, detentora do seu espólio, ainda em tratamento, presta de novo homenagem a uma mulher de excepção, que tanto contribuiu para afirmar a profissão farmacêutica no campo científico. Atribuindo-lhe o lugar que merece no Museu da Farmácia e tornando acessível ao público o Fundo Fotográfico Odette Ferreira, que reúne imagens pessoais e profissionais, disponível no site do Arquivo Nacional das Farmácias: www.arquivofarmacias.pt.

ROFESSORA COM ACERVO FOTOGRÁFICO ONLINE E UMA ALA NO MUSEU DA FARMÁCIA



Microscópio e caderno de apontamentos utilizados pela cientista na descoberta do vírus VIH/sida de tipo 2









# «FOI UMA AVENTURA

# QUE CORREU BEM»

Há um ano, entrevista de vida, à revista das Farmácias Portuguesas.

**REVISTA SAÚDA (RS):** Ainda sente aquele nervosinho antes de subir ao palco?

**CARLOS DO CARMO (CC):** Nervosinho? Não, já não. Agora sinto um nervosão!

#### RS: É algo a que uma pessoa nunca se habitua?

CC: Jamais! Uma vez, convidei o Chico Buarque para vir a Portugal. Fomos cantar ao Monumental. Ele estava tão nervoso que a Marieta, a sua primeira mulher, e a minha mulher tiveram, as duas, de o empurrar para o palco. Empurrar! A verdade é que os públicos nunca são os mesmos. Por exemplo, antes de subir a um palco que não seja na Grande Lisboa ou no Grande Porto penso sempre: «Vou cantar numa terra que não é do fado. Eles têm outras músicas». E faço cerimónia. Talvez isso me ligue às pessoas. Percebem que estou a fazer cerimónia e isso liga-nos.

#### RS: Sente-se bem recebido?

CC: Sempre fui tratado com respeito, como um ser humano, um artista e não como um qualquer objecto de consumo. Isso apraz-me bastante. Por estar há tantos anos a cantar, tive a oportunidade de ver a mudança dos tempos. No princípio era difícil, muitas vezes em condições precárias. Cantei, uma vez, numa esplanada no Algarve. Noutra, em cima de um tractor, no Alentejo, onde o barulho do gerador era mais alto do que a minha voz. Quando passamos por estas coisas e depois chegamos a

um palco, dizemos: «Ah, estou no meu sítio! Mas foi bom ter estado nos outros».

#### RS: Disse, há tempos, que estar no palco é um jogo de sedução.

**CC:** Completamente.

#### RS: Também se alimenta dessa experiência?

CC: Como todos os artistas, sou narcisista. Gosto muito de estar em palco, mas também aprendi. E quem me ensinou foi o Frank Sinatra. Tenho muitos livros sobre ele e, num dado momento, ele disse que estar no palco é como estar na sala de estar a receber as visitas. E, se pensar bem, aquele silêncio, aquela densidade, tem muito a ver com essa aproximação.

#### RS: Estar em palco dá-lhe vida?

**CC:** Gosto tanto de cantar, e de cantar para as pessoas,





Carlos do Carmo foi o entrevistado de capa da Revista Saúda de Fevereiro de 2020

que me transformo. Tudo se centra na cabeça, no coração e na voz. Para mim, cada concerto é uma viagem. O público é quem tem a condução.

#### RS: Já do trabalho no estúdio, ouvi dizer que não gosta nada...

CC: Gravar um disco ao vivo é algo que amo. Porque não deixo o técnico tocar em nada. Os erros são para ficar, porque quem toca e canta são pessoas, seres humanos. No estúdio, não. Tem de se corrigir tudo. É uma chatice. Ao fim de uma semana já não posso ouvir o disco.

#### RS: Acha que, hoje, o fado está em boas mãos?

CC: Temos vozes maravilhosas: o Ricardo Ribeiro, o Camané, o Pedro Moutinho. Curiosamente, houve um tempo em que, no estrangeiro, achavam estranho um homem cantar fado. Na primeira vez que cantei no Olympia, em Paris, as pessoas ficaram estupefactas porque achavam que quem cantava fado era só a Amália!

#### RS: E no caso das fadistas mulheres?

CC: Há vozes muito bonitas, que cantam muito bem o fado, mas agora deu-lhes para fazer mainstream. Viraram cantoras pop e é tudo com bateria. Para quê? Se me disser percussão, que é uma coisa agradável e cobre certas sonoridades, entendo. Mas bateria? Pode chamar-me "bota de elástico", mas confesso que não entendo.

#### RS: Lançou-se no fado com "Loucura", numa versão nada convencional, com guitarra, baixo e coro feminino.

CC: Isso foi uma loucura. O Mário Simões, na altura, tinha uma banda com muita popularidade. Eu costumava cantar com ele, canções francesas, italianas e americanas. Um dia, convidou-me para cantar um fado no seu disco. Disse-me: «Era giro! São quatro faixas. Já tenho três. Falta-me uma e gostava que fosse a tua». Então, cantei com bateria – mas vassouras, nada mais pesado, guitarra eléctrica, baixo, piano e duas senhoras que faziam vozes. Pensei que seria massacrado. Qual não foi o meu espanto quando começou a tocar na rádio. E nunca mais parei.

#### RS: Foi inovador.

CC: Não sinto isso. Penso que foi uma aventura que correu bem.

#### RS: Sempre quis ser fadista?

CC: Eu gostava de ter sido advogado...



#### RS: Aos 15 anos, quando terminou o liceu, foi estudar para a Suíça.

CC: O meu pai era um homem muito determinado. E eu era filho único, sabe como é. E disse assim: «Vou mandar-te para o colégio tal». Eu nem sabia que colégio era. [NR: Institut auf dem Rosenberg, colégio alemão situado em São Galo]. Depois vim a saber que era o colégio mais caro do mundo. Do mundo! Ele não ganhava dinheiro para pagar aquele colégio. Tinha de pedir aos amigos dinheiro emprestado.

#### RS: Aprendeu várias línguas...

**CC:** Foi muito útil para a minha vida. Durante 20 anos dirigi a casa de fados [NR: O Faia], falava com os clientes de onde quer que viessem e fui ensinando os empregados. Hoje, a cantar, qualquer que seja o país, eu estou em comunicação com as pessoas.

#### RS: A intenção do seu pai não devia ser fazer de si fadista...

CC: O meu pai, só de sonhar que eu seria artista, tremia todo. Nem pensar nisso. E dizia às vezes, com uma certa graça: «Já bem me basta aturar uma maluca em casa, agora aturar dois, não!». Morreu muito novo, não chegou a ver o artista. Conhecendo eu a sensibilidade dele – e conhecia-a muto bem – penso que se ele tivesse ouvido o artista era capaz de não desaprovar. Mas depois era capaz de me atirar em cara e dizer assim: «Então, andei a gastar este dinheiro todo para tu agora andares a cantar o fado, é?».

#### RS: E qual será a sua próxima aventura?

CC: Deixei os concertos, mas não sou homem de passar o dia de chinelos a ver TV. Gostava de percorrer o país e conversar com as pessoas sobre o fado. Elas fazem perguntas e respondo o que sei. O que não sei fica em

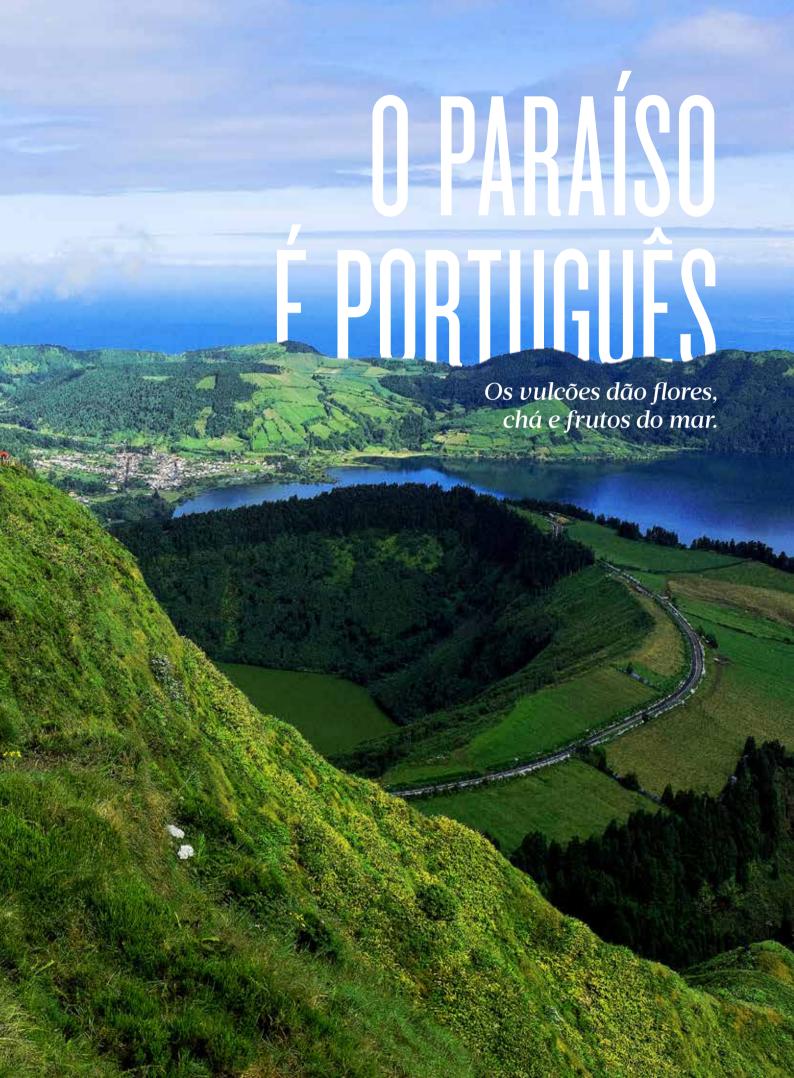


aberto. Para ultrapassarmos aquela situação, para mim muito dura, que acontece quando pergunto a alguém se gosta de fado e a pessoa responde: «Gosto muito!». Depois pergunto: «De que fados gosta especialmente? Da Mouraria, por exemplo?». E a pessoa diz logo: «Ah, disso não percebo nada!». Ora, isso não tem sentido. Além do mais, também gostava de ajudar alguém jovem a construir uma carreira, desde o zero. São estes os meus planos. Já não é mau. [risos]

#### RS: Qual é o segredo para chegar com tanta energia aos 80 anos?

**CC:** Não esperava chegar aos 80 anos. Tive uma vida muito desgastante, cantei no mundo inteiro e isso cansa, deixa peso. Esperava viver a Primavera da vida, o Verão, o Outono, mas confesso que não esperava chegar ao Inverno. Foi uma benesse de Deus e estou muito grato por isso.





fim do dia corre sereno junto à marina de Ponta Delgada. Pessoas relaxam nas esplanadas, fazem jogging ou cycling no paredão, cagarros grasnam sobre a baía. lates ondulam nas águas, velas hasteadas e bandeirinhas ao vento. O ferry "Moby Dick Tours" anuncia fantásticas experiências: "Whale and

Na marina de Ponta Delgada, bares e restaurantes convidam ao lazer, o mar ao desporto e à aventura

> ORTÊNSIAS ROSA E LILÁS FORMAM FILA NA ESTRADA. AQUI OS MUROS FAZEM-SE DE FLORES

Dolphin Watching", "Sport Fishing". Ao fundo, o casario branco debruado a basalto comprova que esta não é uma marina qualquer. Estamos na ilha de São Miguel, capital dos Açores e casa de belezas naturais de tirar o fôlego.

O dia está ameno, a temperatura ronda os 20°C seja Verão ou Inverno. A humidade sente-se e cheira-se, cola--se ao corpo e torna impossível qualquer penteado. É escusado procurar previsões meteorológicas: pode chover de manhã e estar uma tarde radiosa de sol, pode estar encoberto no centro da ilha e um belo dia de praia. Qualquer açoriano sabe que no carro deve trazer fato-de-banho, toalha e gabardina.

Os 63 por 15 quilómetros da ilha concentram o melhor que a montanha e o mar têm para oferecer. No mesmo dia é possível descer à cratera da Lagoa do Fogo e refrescar-se no mar. «Temos tudo e tudo está próximo. É uma vida fabulosa, adoro viver cá», diz com franqueza



Teresa Almeida Lima. A proprietária da Farmácia Central, na Ribeira Grande, só deixou a ilha para estudar no Porto. Prometeu ao avô, farmacêutico, que regressava e cumpriu. Nunca se arrependeu. «Estar rodeada de mar traz-me uma sensação de liberdade».

A praia de Santa Bárbara, no concelho da Ribeira

Grande, acolhe uma das provas do circuito mundial de surf. O azul intenso da água contrasta com o negro da rocha basáltica. O *surf*, o *windsurf*, os passeios de barco ou de mota de água são algumas das ocupações preferidas dos micaelenses. Do Atlântico vêm também o peixe fresquíssimo e as famosas cracas, marisco de intenso sabor a mar, embrulhado no que parecem ser pedaços de rocha.

A floresta de criptomérias alterna com pastos ladeados de hortênsias. Aqui os muros fazem--se de flores. Existe quase uma vaca por cada um dos 150 mil micaelenses. No caminho para a Lagoa das Sete Cidades, os arbustos de hortênsias rosa e lilás surgem, primeiro tímidos, depois exuberantes, até formarem filas densas de cada lado da estrada. Lá em baixo, a ponte separa as lagoas, uma verde, outra azul. A alteração de cor deve-se ao reflexo da vegetação na água. Ou talvez sejam as lágrimas da princesa, de um lado, e do pastor, do outro, largadas pelo amor interrompido, como conta a lenda.

Mais selvagem é a Lagoa do Fogo, lá muito ao fundo na cratera do vulcão ainda activo, rodeada pela montanha verde altíssima. O grasnar das gaivotas, que escolheram aquele paraíso para nidificar, chega cá acima. «Isto é tão bonito, uma pessoa não esquece», emociona-se a jovem da Maia que regressou ao fim de cinco anos. As duas lagoas são destinos incontornáveis para

quem visita São Miguel. «Em ambas há muito para descobrir, trilhos lindíssimos», lembra Teresa Almeida Lima, que defende que os Açores devem fazer tudo por tudo por impor-se pelo turismo de Natureza.

Descer à Lagoa do Fogo é uma experiência única. O vigilante de Natureza que, de binóculos em punho vigia







# STO É TÃO BONITO, UMA PESSOA NÃO ESQUECE», EMOCIONA-SE

eventuais infracções, conta que já desceu em sete minutos e subiu em nove, a correr. O comum dos mortais pode contar com o triplo. É possível que chegue com as pernas bambas, após a descida dificultada pelos degraus, às vezes com meio metro, assentes com estacas na terra. Ainda assim, há aventureiros dos cinco aos 70 anos. Lá em baixo, sem rede telefónica nem Internet, sente-se o incrível poder da Natureza.

O vulcanismo marca a identidade da ilha. Está presente na geografia montanhosa, feita de crateras de vulcões e fissuras por onde emergem águas quentes. Determina a arquitectura, baseada no basalto, ignimbrito e traquito, a fertilidade dos solos, o interesse turístico e a culinária. As duas centrais geotérmicas produzem 44 por cento da energia consumida na ilha e até a devoção ao Senhor Santo Cristo dos Milagres nasceu do susto dos homens face aos sismos. Este ano interrompidas pela primeira

vez desde há 320 anos, as festas trazem a São Miguel milhares de pessoas de todo o mundo.

A entrada na Caldeira Velha faz-se por um trilho que corre entre árvores altíssimas, mistura de floresta nativa e exótica, até ao Centro de Interpretação Ambiental, onde se conta a história geológica de São Miguel. Ao contrário do que muitos pensam, a maioria dos vulcões da ilha está activa. Só os complexos vulcânicos do Nordeste e da Povoação, com 4,2 e 3,2 milhões de anos, respectivamente, estão extintos. Furnas e Sete Cidades, Fogo e a zona fissural dos Picos mantêm-se activos, conta o biólogo Tiago Meneses.

A Caldeira Velha consiste numa falha geológica em contacto com a câmara magmática, situada na vertente Norte do vulcão do Fogo, um dos mais activos do arquipélago. É um dos locais mais visitados da ilha, a tal ponto que o *boom* do turismo obrigou a limitar a capacidade do local a 250 pessoas em simultâneo. É especialmente procurada pela magnífica cascata, sob a qual existe uma represa onde é possível tomar banho com água a 25°C e um cheiro intenso a enxofre. «Desfrutar de um relaxante banho nesta natureza incrível é uma experiência diferente», convida o técnico superior na Azorina – Sociedade de Gestão Ambiental e Conservação da Natureza. Nas outras três poças termais da Caldeira Velha, a temperatura eleva-se aos 36° a 39°C.

### GRASNAR DAS GAIVOTAS, QUE ESCOLHERAM AQUELE PARAÍSO PARA NIDIFICAR, CHEGA CÁ ACIMA

Seja ou não na Caldeira Velha, é imprescindível vestir o fato-de-banho e experimentar um banho termal. Actualmente há edifícios termais na Ferraria, Ribeira Grande e Furnas. Quem lá mora considera que é uma área com grande potencial de desenvolvimento. Um dos locais mais procurados para banhos termais é a piscina do Parque Terra Nostra, rodeada de araucárias centenárias, com água de cor férrea mantida a 37°C durante todo o ano. Além do tanque principal, estão dispersos pelo parque dois jacúzis de menor dimensão. «Na Caldeira Velha encontramos a Natureza pura, o Terra Nostra foi moldado pela mão do homem. Ambos são lindos», resume a farmacêutica.

«Tomar banho aqui em dias chuvosos é até mais agradável», garante Carina Costa, técnica responsável do jardim do Parque Terra Nostra. O efeito relaxante é o mais procurado, mas estas águas ricas em minerais têm outras propriedades terapêuticas. Tiago Meneses refere que são aconselhadas para o tratamento de doenças reumatológicas e dermatológicas, Carina Costa acrescenta que são procuradas para tratamentos à pele, obesidade, artrites e outros problemas de ossos. «Algo de bom e positivo esta água há-de ter e convidamos todos a virem cá experimentá-la», diz, com um sorriso.

A visita vale também pelo jardim, considerado um dos mais belos do mundo, com 12,5 hectares de árvores centenárias dos quatro cantos do globo. O jardim é a paixão da agrónoma, que seguiu os passos e o gosto do pai, jardineiro-chefe do Parque Terra Nostra há 30 anos. Muito do prestígio do parque deve-se às coleções botânicas de cicadales, fetos e camélias, que mereceram alguns prémios nacionais e internacionais. Carina Costa entusiasma-se enquanto mostra a colecção de 90 cicadales, consideradas fósseis vivos da época dos dinossauros e «uma das maiores da Europa», a colecção de 800 cameleiras que embeleza o jardim no



O jardim do Parque Terra Nostra é considerado um dos mais belos do mundo, com 12,5 hectares de árvores centenárias de todo o planeta







### A COSTA NORTE, A TERRA ENCHE-SE DE PLANTAS DE CHÁ, O MAR POR HORIZONTE

Inverno, a de 200 fetos, uma mais recente de bromeliáceas, para além do jardim de estação, e outro de plantas endémicas e nativas dos Açores.

No final do dia, com o corpo descontraído pelo calor da água e a paz no olhar, vale a pena passar pelas caldeiras das Furnas para comer uma maçaroca de milho cozido nas covas e bebericar na nascente de "água azeda". Aqui também se compram os melhores bolos lêvedos da ilha, diz quem sabe.

As covas das caldeiras da Lagoa das Furnas e das caldeiras da Ribeira Grande são local de romaria «quando apetece fazer comida saborosa sem ter trabalho». José Carlos Silva, morador na Ribeira Grande, veio cozinhar caldeirada de bacalhau para 18 pessoas. Em casa montou no tacho os ingredientes pela ordem certa, agora é contar quatro horas de cozedura a temperaturas de 100°C. Ao lado, o restaurante Caldeiras da Ribeira Grande serve comida geotérmica, desde o cozido à portuguesa à alcatra, feijoada ou caldeirada de bacalhau.

Na costa Norte da ilha, a terra enche-se de campos de plantas de chá, carreiros de arbustos verdes a perder de vista, com o mar por horizonte. O edifício branco com letras garrafais vermelhas anuncia: Chá Gorreana. É a mais antiga e única plantação de chá da Europa, a par da fábrica do Porto Formoso, mesmo ali ao lado. A fábrica de 1883 é um museu-vivo, que contém a história de um negócio familiar com seis gerações, onde as mulheres têm um papel predominante. Nasceu do fim do ciclo da laranja, encerrado por doenças que dizimaram as plantações. A então matriarca, Ermelinda Gago da Câmara, teve de refazer a vida. «A Gorreana foi um novo princípio», conta Madalena Mota, que pertence à sexta geração. «Não sabemos fazer mais nada».

Na visita à fábrica é possível percorrer o trilho entre a plantação, provar as várias variedades de chá e visitar o circuito de produção instalado no antigo edifício de paredes brancas e amplas janelas abertas sobre o jardim: sentir o cheiro intenso das plantas na máquina de seca-



gem, o movimento ritmado das máquinas Marshall de 1840 a laborar, a monotonia das senhoras sentadas em redor da mesa a escolher o chá, separando laboriosamente as folhas dos paus. A par da Caldeira Velha, a fábrica é dos locais mais procurados pelos turistas: recebe uns 99 por cento.

Num «ano bom», a Gorreana produz 47 toneladas de chá (preto e verde). Toda a produção é biológica, porque «na ilha

não há pragas». São 45 hectares de terra, «uma aldeia no mundo do chá», reconhece Madalena Mota, lembrando que no Bangladesh há plantações do tamanho de São Miguel. A fábrica emprega 62 funcionários e distingue-se no mercado como produto de alta qualidade. A produção é feita da maneira ortodoxa, mais dispendiosa, em que a folha é sempre separada. Perto de metade é exportada, quase toda para a Alemanha, disposta a pagar «a quali-



dade, a pegada ecológica e o comércio justo», explica a proprietária.

Na hora do regresso, é preciso trazer na mala chá preto e verde da Gorreana. Antes de partir, passe também pel'O Rei dos Queijos, em Ponta Delgada, e abasteça-se de pimenta da terra e queijos das várias ilhas. Já no ar, olhando o recorte verde da ilha sobre o azul do mar, fica a certeza: São Miguel é para regressar.

#### **:** BULA

#### **• I** RESTAURANTE CALDEIRAS

Largo das Caldeiras, Ribeira Grande **T.** 296 474 307

#### **:2** RESTAURANTE O SILVA

R. Direita de Cima, 41, Ribeira Grande **T.** 917 725 881

#### **:3** RESTAURANTE A TASCA

R. do Aljube, 16, Ponta Delgada **T.** 296 288 880

#### **\***4 TERRA NOSTRA GARDEN HOTEL

R. Padre José Jacinto Botelho, 5 Furnas **T.** 296 549 090

#### **:5** SANTA BARBARA ECO BEACH RESORT

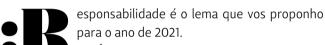
Estrada Regional n.º 1, 1.º Morro de Baixo, Ribeira Seca T. 296 470 360





## RESPONSABII IDADE





É isso que nos exigem os tempos actuais.

A sociedade está em ruptura nos planos económico e social.

A COVID-19, doença do século, arrasta consigo efeitos devastadores a nível global.

Cresce o desemprego, diminui o investimento e a Saúde enfrenta perigos que se pensavam definitivamente afastados.

As dificuldades são tão grandes que temos todos de pensar e de agir com total sentido de responsabilidade, para fazer face, com sucesso, à crise que atravessamos.

O interesse colectivo tem de estar à frente do interesse individual.

Não há soluções individuais para problemas colectivos.

As visões individualistas ou dominadas pela ideologia são más conselheiras para a construção de boas soluções em momentos difíceis.

Temos de assumir uma atitude construtiva perante as dificuldades.

Todos juntos seremos capazes de retomar a confiança no futuro.

Nas organizações profissionais, na política, no sector privado ou no sector público, os tempos convocam-nos para uma atitude construtiva e solidária, sem a qual levará muito mais tempo a normalização da vida em sociedade.

Temos todos de participar na mobilização do país para vencermos os grandes combates económicos, sociais e sanitários que enfrentamos.

As farmácias são instituições responsáveis e temos muito orgulho nisso.

Neste momento, Portugal exige das farmácias um esforço ainda maior.



A tarefa de cuidar da saúde dos portugueses, de os manter vigiados de perto, de lhes garantir um apoio próximo, é hoje mais importante do que nunca.

Convido, por isso, as farmácias a uma mobilização total e prioritária para o combate à crise sanitária global que enfrentamos.

A eficácia desse combate exige de nós coesão e foco nos objectivos essenciais.

Coesão interna, para ultrapassarmos as nossas próprias dificuldades.

Temos de nos unir em torno do projecto associativo, tão importante para todos nós.

Temos de ser capazes de hierarquizar os problemas, tratando agora dos mais urgentes e diferindo para momento próprio os restantes.

Coesão, para fazermos mais e melhor pela saúde dos cidadãos, para uma maior e melhor prestação de serviços farmacêuticos.

As farmácias e os farmacêuticos estão preparados e equipados para garantir que o interesse colectivo, mais do que um discurso, é uma realidade.

A nossa disponibilidade é total e despida de preconceitos ideológicos.

Queremos vencer esta crise e sair dela ainda mais unidos aos portugueses.

Abandonemos uma visão de curto prazo, em benefício de objectivos ambiciosos e verdadeiramente transformadores.

Ter sentido de responsabilidade é isto mesmo.

Queremos fazer parte da solução e não dos problemas.

De espírito aberto ao diálogo e flexível.

Vamos todos assumir as nossas responsabilidades em 2021.

## TUDO PARA TODA A FAMÍLIA















www.farmaciasportuguesas.pt

**PROMOÇÕES EXCLUSIVAS** 





REFORMA · PREVIDÊNCIA · POUPANÇA · CAPITALIZAÇÃO

### CONTAMOS COM TODOS PARA CONTINUAR A CRESCER